

Re Raque



atos

do conselho geral

ano LXXIV julho-setembro 1993

N.º 345

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

P. Regu Labiate Batista

atos

**do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco**

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**N. 345
ano LXXIV
julho-setembro
1993**

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. P. Egidio VIGANÓ E Maria colocou-o numa manjedoura	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. P. Luc Van LOOY Mentalidade de itinerário 2.2. P. Omero PARON Prestar contas	48 54
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não constam neste número	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor 4.2. Crônica dos Conselheiros	57 58
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Ereção Canônica do Instituto de Ciências da Comunicação Social na UPS 5.2. Novo bispo salesiano 5.3. Irmãos falecidos	80 81 82

1. CARTA DO REITOR-MOR

E MARIA COLOCOU-O NUMA MANJEDOURA

Introdução - No coração da significatividade salesiana - Luzes da Palavra de Deus
- As humildes fronteiras do Reino de Cristo - A radicalidade do dom de si na profissão
- A pobreza de Dom Bosco - Três intervenções dos Reitores-Mores - O projeto evangélico da nossa Regra de vida - Sugestões para um "scrutinium paupertatis"
- Conclusão: a bem-aventurança dos pobres em Maria.

Roma, Solenidade de Maria Auxiliadora,
24 de maio de 1993.

Caros irmãos,

talvez vos admire o título desta carta. Não é por certo um convite a pensar no Natal em julho, mas antes a intenção de retomarmos juntos o tema da "pobreza". Ele pode ajudar-nos a rever com mais coragem a nossa renovação. A bem pensarmos, é ele um argumento intimamente vinculado ao nosso empenho capitular de educar os jovens na fé. Os irmãos que pediram tratasse esse tema talvez pensassem numa exortação a fazer com que nossas consciências reagissem contra determinados abusos, sem suspeitar a densidade e a riqueza espiritual do argumento.

Vivemos rodeados de um mundo que ama e busca o bem-estar, com modalidades de vida cada vez mais fascinantes e insistentes. Existe o perigo não imaginário de que isso entre em casa, alimentando a pouco e pouco uma mentalidade de aburguesamento. Sem negar a possibilidade desse

influxo deletério, o motivo que me leva a falar-vos da pobreza está centrado na meditação em profundidade do mistério de Cristo, do seu Evangelho e do seu Reino, e da peculiar opção evangélica de Dom Bosco. Antes de fixar o olhar em diretrizes ascéticas, procuremos as luzes de uma reflexão que desperte em nós sinceridade e ardor.

Pensemos na pobreza como num “tema gerador” da nossa índole própria. Com efeito, “chamados a uma vida intensamente evangélica, escolhemos seguir ‘o Salvador, que nasceu na pobreza, viveu desprovido de tudo, e morreu despojado na cruz’”. Esta citação do artigo 72 das Constituições é de Dom Bosco na sua Introdução às Regras.¹

Penso seja estimulante uma reflexão deste tipo para nos renovarmos no nosso testemunho de vida e de ação e compreender com genuinidade o critério oratoriano², que é para nós parâmetro verdadeiro de discernimento e de renovação em qualquer atividade e presença.

A reflexão ajudará também a nos prepararmos especificamente para os grandes dias de estudo sobre a vida consagrada do Sínodo-94. De mais a mais, o Magistério da Igreja insistiu muitas vezes, depois do Concílio, em propor o tema da pobreza.³

No coração da significatividade salesiana

Desde os tempos do Concílio Vaticano II estivemos a procurar enfoques globais para orientar o processo de renovação. Podemos citar alguns deles, como o “redimensionamento”,⁴ “a inserção entre os socialmente pobres”, a “formação permanente” das pessoas, a “elaboração de projetos” nas comunidades, etc. Chegamos por fim ao critério abrangente da “significatividade”, que inclui vários aspectos⁵ — entre

¹ 1875; cf. *Const. e Reg. Ed.* 1984.

² cf. *Const.* 40

³ Pode ser útil lembrar aqui, em nota, alguns documentos mais significativos do Magistério: - *Lumen Gentium*, sobretudo o n. 44; - *Perfectae Caritatis*, n. 2, 5 e sobretudo 13. - *Ecclesiae Sanctae*, II, n. 23, 24; - *Evangelica Testificatio*, n. 16-22; - *Evangelii Nuntiandi*, n. 69; - *Redemptionis Donum*, n. 4, 5, 6, 9-10, 12; - *Religiosos e Promoção Humana da Congregação para a Vida Consagrada*, n. 4; - *Código de Direito Canônico*, c. 600, 640; - *Elementos essenciais do ensinamento da Igreja sobre a vida religiosa da Congregação para a Vida Consagrada*, cf. III, n. 20; - *Diretrizes para a formação nos Institutos Religiosos da Congregação para a Vida Consagrada*, n. 14; - etc.

⁴ CG19

⁵ cf. *ACG* n. 340, p. 34 e ss

os quais também os anteriormente citados — de forma orgânica e mais compreensiva. Pois bem: a pobreza de que entendemos falar aqui situa-se precisamente no coração dessa significatividade orgânica da nossa vida e das nossas presenças.

Evidentemente é mister que nos entendamos sobre o que significa para nós o termo “pobreza”, que é múltíplice e flutuante. No uso corrente expressa uma visão sociológica. Com ele, de fato, costuma-se indicar um aspecto de carência sobretudo econômica; nesse sentido é também marcado pela relatividade: diferencia-se de uma região a outra ou de um século a outro. Hoje, além do mais, fala-se de “novas pobreza” para indicar carências que não se referem apenas ao aspecto econômico, p. ex. os refugiados, os imigrados, os marginalizados, os toxicômanos, etc. Pode dizer-se que a pobreza está ligada à vida do homem de diferentes maneiras; tem aspectos materiais, mas também psicológicos, morais, sociais e culturais. De toda maneira há em primeiro lugar a diferença econômica entre ricos e pobres, que cresceu muito e põe a descoberto a inadequação de certas estruturas econômicas e comerciais, alheias à moral. A mentalidade consumista promove o egoísmo individual e coletivo. Sente-se a urgência de empenhar-se pelo nascimento de nova ordem mundial.

Tudo isso assume, sem dúvida, um relevo concreto, para além de um testemunho ascético por sua incisividade social. É como um “sinal dos tempos” que exige o relançamento da profecia da pobreza evangélica: a Igreja sente-se empenhada hoje fortemente nessa tarefa e a cumpre de maneira constante também com a sua doutrina social.

Como, porém, refletir sobre a pobreza evangélica? Se o significado que nos interessa se reduzisse

apenas às carências temporais, não seria justificável o intento de apresentar a pobreza como elemento situado no coração da nossa significatividade.

Já na terceira sessão do Vaticano II, na discussão do esquema sobre “a Igreja no mundo de hoje” (que se tornou depois a constituição *Gaudium et Spes*), o nosso card. Raul Silva H. — que era então também presidente da Caritas internacional — tinha insistido sobre a profunda diferença entre “pobreza evangélica” (fruto da graça) e “pobreza sócio-econômica” (conseqüência do pecado): a primeira, um grande valor que se deve desenvolver; a segunda, uma desordem que se deve combater mediante um processo de empenho social animado precisamente pelos dinamismos cristãos da pobreza evangélica.

Na Assembléia geral de Puebla os bispos latino-americanos, preocupados em oferecer um critério pastoral para a libertação de gravíssimas discriminações sociais, insistiram no significado específico da “pobreza cristã”⁶ como alma de uma libertação integral em Cristo: “no mundo de hoje — escreveram — esta pobreza é um desafio ao materialismo e abre as portas a soluções alternativas da sociedade de consumo”;⁷ todos os cristãos deveriam saber que “a pobreza evangélica une a atitude de abertura confiante em Deus com uma vida simples, sóbria e austera que aparta a tentação da cobiça e do orgulho”, ou seja, da idolatria da riqueza.⁸

No seu significado evangélico a pobreza não tem apenas uma valência de profundidade espiritual para a pessoa do discípulo de Cristo, mas outrossim uma projeção social para evangelizar o atual complexo e difícil campo econômico e político; implica nada mais nada menos uma visão própria do mundo a fim de iluminar com o Evangelho os projetos sociais de mudança.

⁶ cf. Puebla, n. 1141-1152

⁷ Puebla, 1152

⁸ Puebla, 1149

⁹ *Evangelica
Testificatio I*

Por isso é que dizemos que ela se coloca no coração da significatividade salesiana, critério global da nossa renovação. O Papa Paulo VI escreveu que “o testemunho evangélico da vida religiosa manifesta claramente, aos olhos dos homens, o primado do amor de Deus com força tal, que por ela havemos de dar graças ao Espírito Santo”.⁹

É uma constatação de quanto já havia expresso o Concílio a respeito da significatividade da vida religiosa dentro da natureza sacramental da Igreja: “A profissão dos conselhos evangélicos se apresenta como *um sinal que pode e deve atrair eficazmente* todos os membros da Igreja para o cumprimento dedicado dos deveres impostos pela vocação cristã. Como, porém, o Povo de Deus não possui aqui morada permanente, mas busca a futura, o estado religioso, pelo fato de deixar seus membros mais desimpedidos dos cuidados terrenos, *manifesta* já aqui neste mundo a todos os fiéis a presença dos bens celestes, *dá testemunho* da nova e eterna vida conquistada pela redenção de Cristo, e *preuncia* a ressurreição futura e a glória do Reino celeste”.¹⁰

¹⁰ *Lumen Gentium 44*

Luzes da Palavra de Deus

Sendo assim, não nos deixemos enganar pelo caráter plurivalente do termo pobreza. Houve, a propósito, certa retórica que é necessário evitar para não cair em modas populistas, mais sociológicas do que evangélicas. Sabemos que os bens da terra pertencem à ordem dos meios e não dos fins; são uma expressão do amor do Criador para com o homem: “Deus destinou a terra, com tudo que ela contém, para o uso de todos os homens e povos, de tal modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, sob as regras da justiça, inseparável da caridade”.¹¹ Todo bem, mesmo quando de propriedade privada,

¹¹ *Gaudium et Spes 69*

traz em si uma dimensão social que os critérios evangélicos devem saber fazer emergir. Hoje a perspectiva cristã da pobreza adquire seu significado concreto sobretudo se confrontada com o dado social e com os comportamentos efetivos em relação aos pobres, oprimidos sobretudo economicamente; isto exige uma revisão também do papel cumprido pelas estruturas.

Lamentavelmente o egoísmo humano introduziu na vida das pessoas e dos povos uma dramática desigualdade, que se manifesta em muitas injustiças e misérias. Torna-se então indispensável reler e aprofundar quanto afirma a Palavra de Deus.

Na Sagrada Escritura o tema é por demais vasto, rico e complexo. Não é possível nem oportuno fazer aqui uma síntese adequada. Basta recordar o quadro de fundo: Deus está do lado dos pobres e dos necessitados de ajuda. O homem que passa necessidade é a medida autêntica do amor cristão; os pobres constituem uma condição privilegiada para orientar as opções dos crentes: “o que fizestes ao menor dos meus irmãos — diz o Senhor — a mim o fizestes”.¹² Considerando este quadro podemos ressaltar dois aspectos bem claros, que iluminam a nossa meditação sobre a posse e o uso dos bens da terra: um “desafio” e uma “bem-aventurança”.

¹² Mt 25,40

— *O DESAFIO*: a Palavra de Deus lamenta a desnaturação da solidariedade humana em virtude da cupidez das riquezas. Vamos respigar algumas breves mas incisivas indicações.

O *salmo 48* afirma: “o homem na prosperidade perde o bom senso, é como os animais que perecem!”. Quem concentra o coração nas riquezas não mais compreende o sentido da confiança total e exclusiva em Deus; vai se emaranhando cada vez mais no serviço aos ídolos.

No *Evangelho* os ricos são fustigados: “é difícil para um rico entrar no Reino dos céus”;¹³ “ai de vós que sois ricos, porque já tendes o vosso consolo”;¹⁴ “deixou os famintos satisfeitos, despediu os ricos de mãos vazias”.¹⁵

Severos juízos convidam a refletir: o pequeno óbolo da viúva em comparação com as ofertas dos mais abastados;¹⁶ o convite vocacional para seguir a Jesus, dirigido ao jovem que não o aceitou porque era muito rico;¹⁷ o episódio do precioso frasco de nardo puríssimo derramado nos pés de Jesus em Betânia, e a observação de Judas: “podia-se vender esse unguento por trezentas boas moedas de prata e depois distribuí-las aos pobres!”¹⁸ — observou acertadamente um autor: “Que seria a Igreja se a bolsa do Iscariotes estivesse cheia para os pobres e a casa de Betânia vazia de perfume?”.

Os *Apóstolos* compreenderam muito bem a mensagem de Jesus. De S. João basta lembrar: “Se alguém tiver bens deste mundo e vir seu irmão passando necessidade e lhe fechar o coração, como poderá dizer ‘eu amo a Deus?’”;¹⁹ de S. Tiago, a afirmação sobre a caducidade: “Cai a flor e desaparece a sua formosura. Da mesma forma perecerá o rico em meio a seus empreendimentos”;²⁰ e de S. Paulo, o famoso hino da caridade: “Ainda que distribuísse todos os meus bens para o sustento dos pobres, e entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, isto não me serve de nada”.²¹

Lemos nos Atos dos Apóstolos o episódio dramático de Ananias e Safira, que pode fazer os Religiosos refletir na opção livre de querer colocar em comum todos os próprios bens.²²

Sabemos que os bens da terra são considerados na Escritura como um maravilhoso dom de Deus;

¹³ Mt 19,23¹⁴ Lc 6,24¹⁵ Lc 1,53¹⁶ cf. Mc 12,42¹⁷ cf. Mt 19,22¹⁸ cf. Jo 12,1ss¹⁹ 1Jo 3, 17²⁰ Tg 1, 11²¹ 1Cor 13,3²² cf. At 5

seria errado desprezá-los; não se pode prescindir deles como meios para viver e para fazer bem aos outros: é uma bênção saber usá-los bem; o “desafio” se faz ao egoísmo que acumula riquezas fechando o coração e obscurecendo a inteligência: as riquezas soem provocar o eclipse de Deus.

Jesus condena nos ricos a atitude mesquinha de egoísmo e a falta de solidariedade. Não faz, porém, uma discriminação classista; é só lembrar seu relacionamento com os publicanos, com Zaqueu, com José de Arimatéia, com Nicodemos, etc. Quer que se saiba claramente onde a pessoa coloca o próprio tesouro, porque aí estará também seu coração.²³

²³ cf. Lc 12,34

O rico e o pobre segundo o Evangelho são destarte julgados afinal pelas atitudes do seu coração. Escreveu um brilhante autor: “Ricos ou pobres, olhai-vos na pobreza como num espelho: porque ela é a imagem da vossa fundamental delusão: ela conserva na terra o lugar do Paraíso perdido”.²⁴

²⁴ BERNANOS,
Diário de um
Pároco de Aldeia

— *A BEM-AVENTURANÇA*: a Palavra de Deus congratula-se com os que, não possuindo ou não ambicionando riquezas, cultivam no coração valores mais elevados de religiosidade, solidariedade, empenhos de vida, dom de si aos outros.

Jesus inicia o sermão da montanha dizendo: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus”.²⁵ Liga a condição dos pobres à vinda do Reino para eles, de algo grandioso, pois, que será tudo para eles. A consideração do Reino de Cristo e de Deus tem, por isso, uma incisividade determinante para uma correta interpretação da bem-aventurança dos pobres.

²⁵ Mt 5,3

Esse Reino — diz o Santo Padre — “não é um conceito, uma doutrina, um programa sujeito a livre elaboração; é, antes do mais, *uma pessoa* que tem o rosto e o nome de Jesus de Nazaré, imagem do Deus

²⁶ *Redemptoris Missio* 18

invisível”.²⁶ Hoje é fácil ouvir falar de Reino, como se estivesse em contraposição à Igreja, com concepções redutivas de tipo antropocêntrico que tendem a apresentá-lo, na prática, como “uma realidade de todo humana e secularizada, na qual o que conta são os programas e as lutas pela libertação sócio-econômica, política e também cultural, mas num horizonte fechado ao transcendente”.²⁷

²⁷ *ib* 17

O Evangelho nos ensina, é certo, que os socialmente pobres são os preferidos de Deus: é este o grande pressuposto teológico da Encarnação. Deus privilegia a situação concreta de pobreza, mais além de preocupações morais ou de méritos virtuosos: fazendo-se homem escolheu esta situação; quando nasceu, sua mãe “o colocou numa manjedoura”;²⁸ e dessa situação tão humilde dedicou-se a salvar o mundo evangelizando os pobres.

²⁸ *Lc* 2,7

O Reino de Deus, pois, veio e cresce entre os pobres; ninguém que dele deseje participar pode prescindir do interesse pelos pobres e aprender como eles a acolher Cristo.

Porém é preciso aprofundar mais. O Reino nasce e cresce entre os pobres, mas não se identifica simplesmente com os socialmente pobres. Infelizmente o pecado, que se opõe constitutivamente ao Reino de Deus, também está de fato presente entre eles. O Reino tem sua plenitude em Cristo-pobre e de aí cresce em oposição ao mal, ao mal de cada um e ao mal de todos.

Jesus Cristo não é apenas o profeta do Reino, mas a plenitude dele; nEle e mediante a obra da sua Igreja ele se espalha pelo mundo inteiro: com a comunicação do seu Evangelho cresce aquele Reino de Cristo que no fim dos tempos será entregue ao Pai como Reino definitivo de Deus. As bem-aventuranças não são tão-somente “o manifesto de

Jesus”; devem ser consideradas como uma espécie de “autobiografia” dEle; para entendê-las corretamente é preciso olhar para Ele. E assim Jesus-pobre se apresenta não só como o primeiro campo fecundo onde foi semeado e do qual irrompe o amor de Deus, mas também o modelo da atitude profunda do coração pobre com que se recebe e se faz crescer o Evangelho do Reino.

Numa palavra, a bem-aventurança dos pobres se compreende com clareza referindo-a a Jesus Cristo; nEle é que recebemos com plenitude a iluminação da Palavra de Deus, nEle compreendemos o que vem a ser o Reino que satisfaz os anseios dos evangelicamente pobres.

As humildes fronteiras do Reino de Cristo

As fronteiras do Reino estão colocadas no território dos pobres, de aí estendendo-se a todos. O Concílio lembrou que “o mundo não pode ser transfigurado e oferecido a Deus sem o espírito das Bem-aventuranças”.²⁹

²⁹ *Lumen Gentium* 31

A bem-aventurança da pobreza é fermento para toda sociedade verdadeiramente humana e é chamada a modificar uma ordem econômica materialista. Pertence intrinsecamente à opção cristã do batizado e se encontra na base de toda a energia transformadora da humanidade.

Não é, pois, um aspecto secundário que se possa descurar: os pobres de Deus são os protagonistas da expansão do Reino. No coração deles Cristo faz superabundar o amor, para neles fazer crescer não simplesmente uma preocupação ascética de renúncia, mas sobretudo o amor de solidariedade e uma visão de fé no significado total do mundo, da sociedade e dos bens econômicos, estimulando uma concreta dimensão social da caridade.

Ser evangelicamente pobre, dirigir-se aos socialmente pobres para lhes dar o Evangelho, orientar a atenção e a solidariedade de todos para os últimos porque mais necessitados, proclamar o mistério de Cristo como fonte segura e eficaz de genuína renovação social, é defender a imagem de Deus esculpida no homem, é combater o materialismo — nas suas várias expressões de desapareço da dignidade da pessoa — a fim de que a história seja guiada não pelo egoísmo e pelo ódio, mas pela caridade; é convidar todos a colaborar na construção da “civilização do amor”, superando as maldades dos abastados e a metodologia da violência.

É tarefa ingente e difícil, iniciada por Cristo e deixada em herança à sua Igreja. Lembremos a primeira pregação de Jesus na sinagoga de sua terra: após abrir o rolo do profeta Isaías, leu e comentou a passagem: “O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me consagrou com o óleo e me mandou anunciar a Boa Nova aos pobres”.³⁰

Deus não abençoa a miséria e a desigualdade sócio-econômica, que é e permanece um mal, um escândalo. Mas uma consideração atenta, por exemplo, sobre a parábola de Lázaro explica o perigo que advém da riqueza: o abastado que encontra em si mesmo sua segurança não consegue deixar espaço para Deus e para o próximo. É fato indiscutível que Jesus exige dos mais empenhados construtores do seu Reino a renúncia aos bens deste mundo. Simão Pedro e André, chamados pelo Senhor, “imediatamente abandonaram as redes e se puseram a segui-lo”; Tiago e João “deixando Zebedeu, seu pai, na barca com os empregados, o seguiram”;³¹ “Ao passar (Jesus) viu Levi, filho de Alfeu, sentado à mesa de cobrador de impostos e lhe disse: ‘Segue-me’. Ele se levantou e se pôs a segui-lo”;³² e, por fim: “Todo o que dentre vós

³⁰ Lc 4,18

³¹ Mc 1,16-20

³² Mc 2,14

não renuncia a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo”.³³

³³ Lc 14,33

Lembremos a profunda reflexão de João Paulo II: “A pobreza entra na estrutura interna da própria graça redentora de Jesus Cristo... A pobreza evangélica descerra aos olhos da alma humana a perspectiva de todo o mistério oculto desde todos os séculos em Deus. A pobreza de Cristo esconde em si essa infinita riqueza de Deus; ou melhor, é uma expressão infalível dessa riqueza. Com efeito, uma riqueza assim, como é a própria divindade, não poderia expressar-se adequadamente em nenhum bem criado. Ela pode expressar-se somente na pobreza. Por isso só pode ser compreendida de modo exato pelos pobres, pelos pobres em espírito. Cristo, Homem-Deus, é o primeiro deles: Aquele que ‘sendo rico se fez pobre’, não é apenas o Mestre, mas também o porta-voz e o garante daquela pobreza salvífica que corresponde à infinita riqueza de Deus e ao poder inesgotável da sua graça”.³⁴

³⁴ *Redemptionis
Donum* 12

Assim sendo, quando Jesus exige essa pobreza salvífica nos apóstolos como construtores do Reino não os convida simplesmente a imitar determinado gênero exterior de vida, mas prepara-os para participar na sua mesma maneira de ser no mistério da encarnação, ou seja, para nutrir constantemente no coração seus sentimentos de portador do Reino. O coração dos seus discípulos e colaboradores mais empenhados deve manter-se desapegado de maneira realista de tudo o que não seja Deus; deve conservar-se “livre”, como o seu, de tantos laços terrenos. Não se pode servir ao mesmo tempo a Deus e à riqueza.³⁵

³⁵ cf. Lc 16,13

Se a própria natureza de Deus é o amor,³⁶ se Jesus trouxe esse amor ao homem para que passasse

³⁶ cf. 1Jo 4,8-16

³⁷ cf. ib 3,14

da morte à vida,³⁷ para logo se compreende por que Jesus proclamou a Bem-aventurança da pobreza: quis ressaltar a alegria de ser evangelicamente pobre para poder ter no coração o amor que leva a dar a vida pelos irmãos.³⁸ Cortar os muitos laços da cobiça das riquezas é uma operação salvífica que liberta o coração dos discípulos do Senhor e o torna generoso e aberto à solidariedade com os outros.

³⁸ cf. ib 3,16

As fronteiras do Reino de Cristo são humildes, mas contêm em si a energia da salvação. Dentro dessas fronteiras pode-se ser pobre de diferentes maneiras, sempre, porém, com o Senhor. É um pensamento que se deve considerar com atenção depois do relançamento da vocação e missão do laicato na Igreja.

Não devemos esquecer que Cristo é também autor da criação, dos bens da terra, da família e da sociedade. Ao encarnar-se não veio mudar as leis inerentes à natureza humana e à criação; escolheu como serviço fundamental à libertação do homem do pecado o caminho do Servo de Javé para a redenção. A sua é uma vocação histórica não alternativa ante os diferentes empenhos humanos (matrimônio, economia, política, cultura, etc.), mas é a luz da sua verdade e a energia para a sua bondade. É certo, infelizmente que no mundo atua dramaticamente também o mistério do mal; isso, porém, mais que desqualificar a presença na ordem temporal, exige-a com peculiar intensidade, em sintonia com a indispensável missão redentora de Cristo.

Assim como, por exemplo, sua virgindade não impede que os fiéis leigos se casem, mas os orienta a viver com genuína caridade em família, de maneira análoga sua pobreza não afasta os fiéis leigos dos compromissos da ordem temporal, mas

os orienta para a purificação e reto ordenamento do mundo econômico político e cultural.

Deve-se de modo particular observar que o contexto histórico em que vivemos hoje é sócio-economicamente construído sobre opções erradas, que causaram tantas injustiças e aumentam uma distância entre Norte e Sul que ofende a dignidade humana. Tal situação interpela vivamente os cristãos para que saibam proclamar com prioridade a dimensão profética da pobreza evangélica, ou seja, evidenciar para todos a Bem-aventurança dos pobres centrada, como vimos, no Reino de Cristo e de Deus.

O horizonte deste Reino estimula a superar a pesada imanência do materialismo para favorecer uma transformação moral e cultural que possa modificar a ordem atual.

A missão evangelizadora da Igreja deverá ser dirigida de forma adequada também aos socialmente “não-pobres”, se se pretender seriamente o nascimento de uma ordem nova. Assim apresenta-se como urgente desafio e como objetivo real da nova evangelização a capacidade de influir cristãmente sobre os “não-pobres” (p. ex. nas sociedades do Norte e também em muitas cidades do Sul). A opção pastoral pela Bem-aventurança dos pobres torna-se por isso, de fato, não uma opção de luta de classe contra os “ricos”, mas um desafio e uma urgência por uma evangelização também dos “não-pobres” guiada pela ótica do Reino.

Ora, ao refletir sobre o *tipo de pobreza próprio de nós consagrados*, devemos ser capazes de perceber-lhe a singularidade no seguimento de Cristo e a sua função de sinal e de estímulo para todos — em todos os países, segundo as condições próprias —,³⁹ devemos saber harmonizá-la, como luz evangélica e como estímulo cristão de concretude para os jovens que estamos educando na fé, a fim de que

³⁹ cf. *Lumen Gentium* 44

sejam no mundo generosos protagonistas exatamente da vocação laical.

Por conseguinte, pode-se ser pobres segundo o Evangelho de diferentes maneiras; a nossa opção específica de *radicalidade religiosa* deve aparecer na Igreja como sinal autêntico de Cristo e ser portadora para todos (pobres e não-pobres) da mensagem das Bem-aventuranças.

A radicalidade do dom de si na profissão

Entre os discípulos de Cristo alguns se comprometem a segui-lo com radicalidade. Vemos assim que a consagração religiosa implica um testemunho todo seu da pobreza.

Vale a pena lembrar aqui que os três conselhos evangélicos professados com os votos não constituem três caminhos paralelos que se somam um ao outro; são antes três aspectos complementares e concretos de um único dom de si a Deus, de um único seguimento de Cristo para testemunhar o seu mistério, de um único compromisso para com a edificação do seu Reino. Cada conselho tem de certo um significado próprio e conteúdos específicos, entretanto eles definem “juntos” o testemunho do seguimento de Cristo. Há permanente e mútuo intercâmbio entre eles, de modo que se pode aprofundar a radicalidade de cada um deles incluindo vitalmente os outros dois. Professar os três conselhos evangélicos quer dizer dar-se a Deus em plenitude, em radicalidade, como se fora um só voto global, um só “sim”, expresso num tríplice aspecto evangélico que abraça a pessoa toda e toda a vida.

A prática salesiana dos conselhos evangélicos tem como centro a obediência de Jesus como Filho enviado à missão do Reino. A obediência na missão dá um toque especial à radicalidade da pobreza e

da castidade. Mas, pela mútua circularidade dos três, também a pobreza (e respectivamente a castidade) acrescenta traços peculiares à obediência, antes a toda a missão que se deve desenvolver e à dimensão comunitária da vida.

A pobreza, de modo especial, torna intimamente solícitos para seguir a opção que o próprio Deus fez de ser pobre e de evangelizar os pobres, desata o coração dos laços dos bens terrenos para enchê-lo de amor e proclama ao mundo uma paradoxal profecia de libertação desconhecida dos ricos; isto faz compreender em que consiste a originalidade do Reino de Cristo: “Eu sou rei. Para isto nasci. Para isto vim ao mundo: para dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade, escuta a minha voz!”⁴⁰

⁴⁰ Jo 18,37

É o grande paradoxo do Evangelho; todos os reinos do mundo se constroem de outra maneira, com muita riqueza e violência; o de Cristo surge dos pobres e esmagará, no fim, todos os demais: lembremos a famosa e gigantesca estátua do sonho de Nabucodonosor, feita em pedaços pela pedra que se desprende da montanha, sem conjuração alguma e sem planejamento de conquistadores poderosos.⁴¹

⁴¹ cf. Dn 2

Olhar para a vida consagrada do ângulo da pobreza obriga a ser muito concretos na obediência a Deus, a dar dimensão histórica e quotidiana ao gênero de vida das pessoas e das comunidades; a qualificar as presenças, a escolher os destinatários, a animar uma identidade mais genuína com a missão que se deve realizar. Se do Fundador herdamos uma “experiência de Espírito Santo” que está ligada de tantas maneiras à pobreza, quer dizer que um exame de consciência sobre nossa maneira de viver o testemunho evangélico da pobreza nos ajudará a melhorar todo o processo de renovação e a aprofundar o critério de significatividade com o qual deve ser guiado.

A sociedade atual é ou tende a ser, conforme os lugares e os grupos, uma sociedade de consumo; o bem-estar constitui em geral uma das principais aspirações dos cidadãos. Essa mentalidade cultua determinados ídolos que destronizam o verdadeiro Deus e intensificam um pouco por toda a parte uma vitoriosa mentalidade materialista. Seria deletério que os consagrados dessem qualquer contratemunho ao povo e aos jovens na posse e no uso dos bens temporais.

Paulo VI lembrou explicitamente que os contemporâneos interrogam com particular insistência os Religiosos justamente sobre este ponto: “Numa civilização e num mundo marcados por um prodigioso movimento de crescimento material, quase indefinido, que espécie de testemunho poderia dar um religioso que se deixasse arrastar por uma busca desenfreada das próprias comodidades e achasse normal conceder-se, sem discernimento nem moderação, tudo aquilo que lhe é proposto? Enquanto que para muitos aumentou o perigo de se deixar engodar pela sedutora segurança do possuir, do saber e do poder, o apelo de Deus coloca-vos no vértice da consciência humana; isto é: recordar aos homens que o seu verdadeiro e pleno progresso consiste em responder à sua vocação de ‘participar, como filhos, na vida de Deus vivo, Pai de todos os homens’”.⁴²

A consagração salesiana nos coloca neste âmbito de seguimento radical, enquanto nos convida a ser muito concretos no seu testemunho; mais que de razões, alimentasse do modelo e das opções do Fundador.

A pobreza de Dom Bosco

“O Senhor nos deu Dom Bosco como pai e mestre. Nós o estudamos e imitamos, admirando

⁴² *Evangelica Testificatio* 19

nele esplêndida harmonia de natureza e graça”.⁴³ O Espírito do Senhor teceu toda a sua vida numa urdidura de pobreza real, abraçada com consciência evangélica, amada como um tesouro para a santidade e cheia de dinamismo, tendo em vista um especial apostolado em favor dos pobres.

Foi muito claro e original o seu testemunho. Começamos por lembrar as comoventes palavras que lhe dirigiu Mãe Margarida antes de ele entrar no seminário: “Escuta: eu nasci na pobreza, vivi na pobreza, quero morrer na pobreza. Digo mais: se decidires ser padre secular e por infelicidade ficares rico, eu não irei fazer-te uma só visita; lembra-te bem disso!”.⁴⁴

As circunstâncias históricas da sua meninice nos Becchi e, depois, sua juventude em Chieri marcaram-no existencialmente e fizeram-no compreender que o Senhor o levava explicitamente a uma opção vocacional inteiramente voltada aos pobres para animação e defesa de sua fé cristã. De fato a orientação da sua atividade apostólica dirige-se logo à juventude necessitada, e seu tipo de pobreza será sempre acompanhado de extraordinária confiança na Providência para providenciar com mil iniciativas os meios necessários para a sua educação. Uma pobreza, pois, empreendedora, tecida de trabalho indefesso, lançada a iniciativas também grandiosas, mas sempre fiel à Bem-aventurança do Evangelho. Quando a marquesa de Barolo lhe ofereceu um emprego que lhe garantia a subsistência, mas o afastava dos jovens pobres, recusou decididamente: “Deus sempre me ajudou e me ajudará também no futuro”.⁴⁵

É preciso dizer que seu estilo de pobreza apostólica se diferencia de outros tipos de pobreza também testemunhados por santos ou em outros institutos religiosos: “Viveu a pobreza como desapego do coração

⁴³ *Const.* 21

⁴⁴ MB 1,296

⁴⁵ *Memórias do Oratório*

⁴⁶ Const. 75

e generoso serviço aos irmãos, com um estilo austero, industrioso e rico de iniciativas”.⁴⁶

A pobreza evangélica pode, como dizíamos, manifestar-se de diversas maneiras. A de Dom Bosco foi uma pobreza evangélica ativa e criativa; unida ao trabalho e ao espírito de iniciativa. Ele se movia, e também se humilhava, na procura dos meios necessários a seus projetos de promoção (basta pensar no conteúdo de suas incontáveis cartas e na ousadia de seus empreendimentos), considerava um bem a capacidade de organização, em determinadas atividades desejava estar na vanguarda do progresso; estava convencido de que para educar os jovens pobres e defender a fé do povo era preciso saber encontrar e usar meios adequados e eficientes; o próprio Papa Leão XIII, embora Dom Bosco já estivesse adiantado em anos, com achaques e também dívidas, chamou-o para confiar-lhe a construção da basílica do Sagrado Coração no Castro Pretório em Roma, justamente porque apreciava nele esse seu tipo de pobreza empreendedora.

Escreveu o P. Rua: “Nosso venerado Pai viveu pobre até ao fim de sua vida, e nutria um amor heróico pela pobreza voluntária. Alegrava-se quando devia sofrer a carência do necessário. Ficou evidente o seu desapego dos bens da terra, uma vez que, tendo em mãos muito dinheiro, jamais se viu nele a menor preocupação em buscar alguma satisfação temporal. Costumava dizer: para praticar a pobreza é preciso tê-la no coração. E Deus o recompensou largamente pela sua confiança e pela sua pobreza, ao ponto de conseguir empreender obras a que os próprios príncipes não se teriam atrevido e de levá-las felizmente a efeito”.⁴⁷

⁴⁷ RUA, *Lettere circolari di Don Michele Rua ai Salesiani*, Ed. Dir. Gen. Opere Salesiane, Torino 1965, p. 435

Ao fundar a Congregação, Dom Bosco quis que esse tipo de pobreza fosse conservado e praticado

pelos seus. Pobreza industriosa, sem desprezo dos bens, antes acompanhada de inteligente iniciativa para colocá-los a serviço da promoção dos mais pobres e nunca para rodear-se de comodidades e quietude. Fundador, de extração humilde e indigente, em tempos de aperturas econômicas e culturais para a grande maioria, quis uma Congregação também ela de cunho popular, com membros dedicados ao trabalho, capazes de sacrifício e renúncias, abertos com magnanimidade a corajosos empreendimentos apostólicos e missionários, testemunhos de uma pobreza dinâmica, radicada na plena confiança da intervenção da Providência.

Pobreza evangélica um tanto original, mas autêntica e exigente, conquanto diferente, por exemplo, da de S. José Cottolengo.

Oiçamos o nosso Pai na sabedoria de sua linguagem simples e espontaneamente endereçada à vida de todos os dias: “A pobreza é a nossa fortuna, é a bênção de Deus! Antes pedimos ao Senhor que nos mantenha na pobreza voluntária. Jesus Cristo não começou de uma manjedoura? Quem é rico gosta de ficar a descansar, de aí o amor às próprias comodidades e satisfações, e a vida ociosa. O espírito de sacrifício se extingue. Lede a história eclesiástica e encontrareis infinitos exemplos pelos quais se vê que a abundância dos bens temporais foi sempre a causa da perda de comunidades inteiras, as quais, por não terem conservado fielmente seu espírito de pobreza, chegaram ao cúmulo das desgraças. As que, ao invés, se mantiveram pobres, floresceram maravilhosamente. Quem é pobre pensa em Deus e recorre a Ele e vos garanto que Deus provê sempre o necessário, o pouco e o muito. Não duvideis: os meios materiais jamais nos faltarão na proporção das nossas necessidades e das dos nossos jovens”.⁴⁸

⁴⁸ MB 6, pp. 328-329

Podemos lembrar ainda sua insistência sobre o lema “trabalho e temperança”, tão bem colocado como reforço do manto no famoso sonho do personagem dos dez diamantes.⁴⁹

⁴⁹ cf. ACS 300, abril-junho de 1981

Convém, sobretudo, que meditemos o que nos deixou escrito no seu testamento espiritual: “Nossa Congregação deve sempre gloriar-se do voto de pobreza. Ela tem diante de si um futuro feliz preparado pela Divina Providência, e a sua glória haverá de durar enquanto se observarem fielmente as nossas Regras. Quando começarem entre nós comodidades ou fartura, nossa pia sociedade terá terminado sua carreira. O mundo nos acolherá sempre com prazer enquanto nossas solitudes se dirigirem aos ‘indígenas’, aos meninos mais pobres, mais periclitantes da sociedade. Essa é para nós a verdadeira riqueza, que ninguém haverá de roubar”.⁵⁰

⁵⁰ *Const. e Reg.* p. 257; cf. *MB* 17 p. 272

Três intervenções dos Reitores-Mores

A sociedade salesiana cresceu rapidamente no tempo, com particular intensidade em alguns momentos históricos e com delicados problemas de renovação no pós-concílio. Podemos individualizar três desses momentos:

— uma primeira ocasião, no começo do século com o P. Rua;

— uma segunda, depois da Primeira Guerra Mundial, durante o reitorado do P. Rinaldi e, depois, do P. Ricaldone, quando se deu uma extraordinária explosão de crescimento;

— e, por fim, a situação do pós-concílio com o P. Ricceri no delicado e trabalhoso período do início do processo de renovação.

Será interessante observar como nesses três momentos, por assim dizer, estratégicos, os sucessores de Dom Bosco intervieram de forma preocupada e com profundidade acerca do tema da

pobreza, justamente para garantir a identidade no desenvolver-se da Congregação.

Com o P. Rua passou-se de 773 irmãos a 4.372, de 57 casas a 345, de 10 nações em que se estava presente a 29. Com o P. Ricaldone, continuando o élam iniciado durante o reitorado do P. Rinaldi, os irmãos passaram de 8.954 a 16.364, e as casas de 646 a 1.071. Com o P. Ricceri iniciou-se a difícil empresa da entrada da Congregação na órbita do Vaticano II, mais ainda sob a influência das dificuldades do “68”. Como dizia, os três escreveram, uma importante carta circular sobre a pobreza; consideravam-na um tema vital para assegurar, na prática, a vinculação com as origens.

O P. Rua, primeiro sucessor de Dom Bosco (1888-1910), fechou simbolicamente sua circular no dia 31 de janeiro de 1907, a 19 anos da morte do Fundador. No aniversário do “grande luto”, pensava “que a data memorável acresceria particular eficácia à (sua) palavra, e que não se poderia celebrar melhor o aniversário da morte de Dom Bosco do que vigorando-lhe o espírito e prometendo imitar-lhe as virtudes”.⁵¹

O primeiro sucessor estava convencido de que seu incitamento teria “particular importância para o argumento” tratado. E o confirmará na circular seguinte, ao constatar que muitos irmãos “não contentes de ouvir uma ligeira leitura, expressaram o desejo de ter um exemplar dela para lê-lo e meditá-lo a seu bel prazer. E eu me apressei em mandar reeditá-la e enviá-la a cada uma das casas”.⁵²

O P. Ricaldone, quarto sucessor de Dom Bosco (1932-1951), preocupara-se em criar uma verdadeira coleção de leituras salesianas; algumas vezes as suas circulares comentavam a Lembrança do ano. Foi assim em 1936 com a Lembrança sobre

⁵¹ RUA, *Lettere circolari* p. 430

⁵² *ib.* p. 449

a pobreza. Quis, também ele de maneira simbólica, terminar seu longo trabalho na humilde casa dos Becchi, “verdadeiro templo da pobreza salesiana”, raiz fecunda da grande árvore da Congregação; à pequena casa afluíram sempre em devota peregrinação tantos irmãos; com razão pode-se-lhe dar o nome de “Belém salesiana”. Há ali como meditar e como comover-se: “beijando aquelas pobres paredes cada um se sente preso por mais forte amor ao Pai, e todos partem com o propósito de querer ser cada vez mais dignos dele. Estamos convencidos, agora mais do que nunca, de que somente calcando as pegadas da sua pobreza, se poderão atingir as metas da sua grandeza e colher os abundantes feixes do seu apostolado”.⁵³

⁵³ RICALDONE, *I volti*, LDC 1952, vol. 1, p. 202

É uma “casa-símbolo”, que de certa maneira pode fazer pensar na “manjedoura” de Belém. O P. Ricaldone versa o tema amplamente, seja nos aspectos evangélicos e espirituais seja nos práticos e ascéticos; eles iluminam concretamente nosso voto de pobreza.

O P. Ricceri, sexto sucessor de Dom Bosco (1965-1977), redigiu sua circular “A nossa Pobreza hoje” pouco depois do encerramento do Concílio, quando se iniciavam os grandes compromissos de renovação; escreveu justamente em 1968, ano das muitas contestações. Tratava-se de traduzir em prática as orientações do Vaticano II. Somos, escrevia, os “voluntários da pobreza”, “a pobreza nos faz livres”: “A Congregação nasceu na pobreza, cresceu com a pobreza, surgiu para os pobres”; “o ateísmo explícito nasceu nos países da opulência”; a pobreza evangélica traz consigo “um desmentido do primado da economia e da capacidade dos bens temporais para satisfazer o coração do homem”. O P. Ricceri insiste vigorosamente no trabalho salesiano, no espírito missionário e no sentido fraterno da solidariedade. Passa em seguida a

considerações práticas e a exemplos concretos, convidando a não confiar numa retórica pauperista muito incoerente no testemunho de vida: “digamos com franqueza: hoje o vírus do bem-estar entra por muitos caminhos em nossas comunidades, a vida se aburguesa e se procuram justificativas que aliás não convencem: e isso também por parte de quem deveria vigiar, intervir e prover. Entretanto o mal se alarga qual mancha de óleo, o nível religioso cai, vai sempre abrindo caminho o comodismo que deságua num laicismo prático”. E acompanha a circular com um esquema de “scrutinium paupertatis” para convidar a um atento exame de consciência sobre a prática do voto.⁵⁴

As exortações do P. Ricceri foram aprofundadas e valorizadas nos trabalhos do histórico Capítulo Geral Especial (1971), com um precioso documento em três capítulos, que deu ao processo de renovação orientações profundas e atualizadas, de par com estímulos operacionais bem concretos.⁵⁵

Essas breves referências deveriam criar nos irmãos a vontade de reler documentos tão significativos, que fazem parte do patrimônio espiritual da vida da Congregação.

Parece-me a mim uma obrigação acrescentar aqui algumas reflexões sobre a *carta do P. Rua*, que pode ser considerada como uma obra-prima; foi reeditada como homenagem especial pelo P. Ziggioni, em 1957, no quinquagésimo aniversário da primeira publicação. Ela revela uma solene promessa a Dom Bosco de conservar intacto o espírito das origens. O P. Rua tremia de sua responsabilidade de sucessor. “Para dizer toda a verdade — escreve com o coração nas mãos —, fiz ao nosso bom Pai solenes promessas. Já que me via obrigado a recolher a sua herança e colocar-me à frente da Congregação, que

⁵⁴ cf. ACS n. 253, novembro de 1968, pp. 3-68

⁵⁵ cf. CGS, Doc. 11: *A pobreza salesiana hoje*, n. 577-623

é a maior de suas obras e lhe custou tantas fadigas e sacrifícios, prometi-lhe que nada haveria de poupar para, dentro das minhas possibilidades, conservar intacto o seu espírito, os seus ensinamentos e as mais pequeninas tradições da sua família”.⁵⁶

⁵⁶ RUA, *Lettere circolari*, p. 431

A reflexão sobre a pobreza vinha a ser para ele o padrão prático para medir a fidelidade. Havia-a experimentado por longos anos, desde quando decidira ficar com Dom Bosco; chamavam-lhes “tempos heróicos” e era preciso ter uma virtude extraordinária para conservar-se fiéis “e para resistir aos insistentes convites que se faziam para abandoná-lo, e isso pela extrema pobreza em que se vivia”.⁵⁷ O P. Rua reconhece que “a prática da pobreza impunha graves sacrifícios, como nós mesmos tantas vezes experimentamos. Não nos devemos admirar, pois, de que a pobreza seja sempre o ponto mais importante e ao mesmo tempo mais delicado da vida religiosa, de que seja como a pedra de toque para distinguir uma comunidade florescente de uma relaxada, um religioso zeloso de um negligente. Ela será, é pena, o escolho contra o qual irão chocar-se magnânimos propósitos, tantas vocações que maravilhavam no seu nascer e no seu desenvolvimento”.⁵⁸

⁵⁷ *ib.* p. 445

⁵⁸ *ib.* p. 432

Para fundamentar suas reflexões, o P. Rua recorre ao Evangelho do Senhor não só, mas a autorizados testemunhas da fé. Com *S. Bernardo* lembra que “o Filho de Deus, não encontrando no céu a pobreza que é tão abundante na terra — ainda que não apreciada — tanto se enamorou dela que, descendo do céu, quis abraçá-la para nos ensinar quão preciosa ela é”.

Lembra *S. Francisco de Assis* e *S. Inácio de Loyola*; faz meditar as profundas palavras de *S. Tomás de Aquino*: “O primeiro fundamento para chegar à perfei-

ção da caridade é a pobreza voluntária, pela qual se vive sem nada possuir de próprio”.

Propõe o exemplo do “nosso” *S. Francisco de Sales*, que “embora fosse bispo e como tal devesse ter certa dignidade exterior, tinha todavia das riquezas um santo terror”, e observava “que os pobres não somente são evangelizados, mas eles próprios evangelizam”.

Lembra que *S. Ambrósio* “chama à pobreza mãe e nutriz da virtude”, e que *S. Vicente Ferrer*, falando da eficácia do apostolado, “assegura que não terá bom êxito o religioso que não coloca debaixo dos pés as coisas terrenas, não pratica a verdadeira pobreza, porque, temeroso de qualquer incômodo, não terá a força de suportar as privações que traz consigo a pobreza no exercício do apostolado”.

E, por fim, com *S. Afonso de Ligório* critica o religioso que, depois de haver feito a profissão, se apega a pequenas coisas; elas “serão como outras tantas pedrinhas que coloca no seu calçado: admira que não possa caminhar na senda da perfeição?”.

Insiste depois em aspectos concretos da prática da pobreza, responsabilizando a consciência de cada um e, de modo especial, a dos inspetores e diretores. Pode-se dizer que a carta do P. Rua, a quase um século de distância, conserva toda a sua força e frescor. Continua sempre atual aquele seu desabafo paterno: “não são certamente os Salesianos desejosos de levar uma vida cômoda que emprenderão obras verdadeiramente fecundas, que irão em meio aos “indígenas” do Mato Grosso ou à Terra do Fogo, ou se porão a serviço de pobres leprosos. Isso será mérito dos que observarem generosamente a pobreza”.⁵⁹

⁵⁹ *ib.* p. 438

O projeto evangélico da nossa Regra de vida

Hoje a sensibilidade em favor dos pobres tornou-se um “sinal dos tempos” que desafia a missão da Igreja e estimula os processos de mudança social. Prescindir dessa sensibilidade seria como marginalizar-se do futuro. Ela constitui um critério especial de atualidade que pertence indissolavelmente à nova evangelização e vem a ser muito benéfico à renovação da vida religiosa, porque ajuda a rever os estilos de convivência e a qualificar melhor os compromissos apostólicos.

Entretanto faz-se mister observar que também houve, a respeito, algumas visões distorcidas que poderiam incidir negativamente sobre a identidade da missão salesiana. Por isso é útil conferi-las com uma atenta leitura da Regra de vida. Nela podemos descobrir nossa sensibilidade em favor dos pobres como um elemento constitutivo da significatividade do nosso gênero de vida e das nossas presenças, dentro de um equilíbrio orgânico de todos os valores de identidade. A Regra não é um conjunto de disquisições abstratas, mas a descrição de uma experiência evangélica de vida.

Deve-se sublinhar, em primeiro lugar, que a Regra concentra a nossa atenção em Dom Bosco como “modelo”.⁶⁰ É verdade que os tempos mudaram e que existe hoje uma sensibilidade social muito mais desenvolvida do que no século passado, todavia as atitudes, opções de fundo e critérios a serem seguidos permanecem sempre os do Oratório de Valdocco:⁶¹ como Dom Bosco, também nós contemplamos e imitamos hoje a fê de Maria, sua humildade de vida e sua solicitude pelos pobres;⁶² uma opção educativa por eles, com particular delicadeza “materna”.

A Regra nos garante que a natureza e missão da nossa Congregação se reportam ao projeto apostó-

⁶⁰ cf. *Const.* 21

⁶¹ cf. *Const.* 40

⁶² cf. *Const.* 92

lico do Fundador,⁶³ com corajosa e diversificada preocupação educativa, sobretudo pelos jovens pobres e pelas classes populares.⁶⁴ Nosso trabalho situa-se no próprio coração da Igreja,⁶⁵ que hoje convida todos os fiéis a intensificar operativamente um amor preferencial pelos mais necessitados. Por outra parte é este um aspecto de atualidade que nos torna “intimamente solidários com o mundo e com a história”.⁶⁶

⁶³ cf. *Const.* 2

⁶⁴ cf. *Const.* 24, 33, 41

⁶⁵ cf. *Const.* 6

⁶⁶ cf. *Const.* 7

As situações dos povos são diferentes nos vários continentes. Nos países do bem-estar, além da urgência de evangelizar os “não-pobres”, revelam-se novas pobreza alarmantes. Nas nações do Leste europeu há uma situação especial de nova evangelização e uma urgência de renascimento e de reestruturação da própria vida religiosa. No Terceiro Mundo agravou-se a condição de injustiça social com apelos concretos à nossa missão sobretudo por parte da juventude. Não é possível desenvolver aqui as múltiplas exigências de cada situação: o que nos interessa propriamente é encaminhar uma leitura mais empenhada da nossa Regra de vida.

Professamos uma específica forma de vida religiosa no seguimento de Cristo pobre,⁶⁷ de maneira que a prática dos conselhos evangélicos seja vivida claramente no espírito das Bem-aventuranças,⁶⁸ testemunhado como sinal da força da ressurreição.⁶⁹ Este aspecto peculiar é tratado nas Constituições sobretudo nos artigos 72-79; convido-vos a meditá-los novamente para aprofundar pessoal e comunitariamente nossa fidelidade à profissão emitida com sincera generosidade.

⁶⁷ cf. *Const.* 60

⁶⁸ cf. *Const.* 62

⁶⁹ cf. *Const.* 63

Deve-se reconhecer que uma leitura da Regra do ponto de vista da pobreza nos leva aos horizontes concretos da nossa significatividade e da nossa responsabilidade na missão. Limitamo-nos aqui a apresentar, de forma sintética, a relação que existe,

na Regra, entre a pobreza evangélica e os elementos fundamentais de todo o nosso projeto de vida.

O precioso Comentário⁷⁰, de 1986, às Constituições renovadas afirma: “Podemos dizer que o plano geral das Constituições se inspira no *artigo terceiro, fundamental*: a estrutura e a articulação das partes e dos capítulos visou a poder oferecer uma exposição orgânica que evidencie imediatamente a unidade da nossa vocação”.⁷¹ Pois bem: segundo essa visão, é importante reconhecer que a nossa pobreza evangélica está vitalmente presente em tudo, ainda que não seja evidentemente tudo; ela caracteriza toda a fisionomia salesiana, mas deve harmonizar com vários outros aspectos significativos e envolventes.

O artigo terceiro fala de “consagração”, “missão”, “comunidade”, “conselhos evangélicos”. É interessante refletir como em cada um desses elementos se incorpora a pobreza professada.

Antes do mais, ela está intrinsecamente ligada à “consagração”; não se identifica com ela nem, menos ainda, a abrange toda; é antes caracterizada por ela, pois a concretiza na prática mediante uma mútua circularidade. A consagração, com efeito, supõe uma aliança com o Senhor que exige um coração cheio de caridade pastoral: “da mihi animas”. “Prometi a Deus — diz-nos Dom Bosco — que mesmo meu último alento seria para meus pobres jovens”;⁷² o Sistema Preventivo é “um amor que se doa gratuitamente, nutrindo-se da caridade de Deus”.⁷³

Por outro lado, nossa sensibilidade aos pobres prende-se à vitalidade da consagração; movida antes de tudo por uma convicta preocupação e visão do Reino de Cristo, mas alimentada de fato pelo contato e empenho concreto com os pobres como prediletos de Deus, “sacramento vivo” do Senhor

⁷⁰ O Projeto de Vida dos Salesianos de Dom Bosco

⁷¹ *ib.* p. 63

⁷² *cf.* Const. 1

⁷³ *cf.* Const. 20

que sofre e tem muitas necessidades: “tinha fome e me destes de comer”. A graça de unidade faz crescer juntos os dois pólos de Deus e dos necessitados.

A nossa pobreza está concretamente colocada na “missão”, ainda que não a determine de maneira unívoca e excludente. A missão, com efeito, é de si mais ampla, liga-se intimamente à opção educativa; as Constituições descrevem os vários aspectos que a compõem, de tal forma que ela “dá a toda a nossa existência o seu tom concreto, especifica a tarefa que temos na Igreja e determina o lugar que ocupamos entre as famílias religiosas”.⁷⁴

⁷⁴ cf. *Const.* 3

A experiência de Valdocco nos garante que exatamente a missão entre os jovens mais necessitados é que deu seu tom peculiar a todo o carisma, à sua originalidade espiritual e à sua metodologia pedagógica. A dedicação à juventude pobre assegura a autenticidade da nossa missão na qual nos tornamos sinais e portadores do amor de Cristo.

A prática da nossa pobreza se encarna na “comunidade”. É, sim, pessoal, mas vivida quotidianamente em comunhão fraterna: uma convivência de família que procura exprimir-se na *koinonia* dos bens. Colocar em comum os bens ajuda muito a construir a comunidade também afetivamente; não existe comunidade religiosa, simples e austera, sem este sinal. Todavia é bom observar que a comunhão fraterna tem também outros valores e aspectos que embelezam a própria pobreza e lhe dão aquela fisionomia de família tão cara a Dom Bosco.

A pobreza, enfim, é evidentemente um dos três “conselhos evangélicos” que, como vimos, concorre juntamente com os outros dois para dar um tom unitário à plenitude e radicalidade do dom de si a Deus totalmente amado e aos jovens carentes aos quais Ele

nos envia. É claro, porém, que também os outros dois conselhos apresentam valores e influências específicos diferentes, que da mesma maneira incidem sobre o próprio modo de viver e aplicar a sensibilidade aos pobres com amor casto e em docilidade orgânica com a missão da Congregação.

Referida aos elementos constitutivos do nosso projeto evangélico, a pobreza traz realmente luzes para a organicidade do projeto e evita interpretações distorcidas, ao mesmo tempo que revigora todo o patrimônio da identidade.

Muito embora não constitua a pobreza, em si mesma, o critério único de renovação, todavia situa-se, como dissemos, no coração da significatividade; e é justamente ela que exige, no âmbito da graça de unidade, os outros importantes aspectos da nossa consagração apostólica. Digamos que a consideração da pobreza traz, não há dúvida, um valor determinante para a nossa renovação; ainda que por si só insuficiente. A visão de conjunto da Regra descreve, com efeito, a totalidade do carisma de Dom Bosco; ela é documento de identidade de todo o projeto da vida salesiana, com vários outros critérios organicamente conexos que já há anos nos estão encaminhando para o futuro.

Há que considerar outro aspecto, o do artigo 7: sermos solidários com o mundo e com a história. Hoje, com efeito, a sensibilidade aos nossos destinatários exige uma visão mais concreta das situações humanas de abandono, marginalização e injustiça social. O próprio Senhor nos interpela através delas; tornam-se, pois, da mesma sorte um estímulo de renovação. Encontramo-nos defronte a um critério de discernimento evangélico que torna necessária a revisão das nossas presenças objetivando uma qualidade pastoral mais atual e mais em consonância com as opções do Fundador.⁷⁵ Como

⁷⁵ cf. *Const.* 77

a missão, com sua opção pela ação educativa, nos compromete num projeto de promoção integral do homem⁷⁶ endereçando-nos também para tantos “não-pobres”, deveremos cuidar mais de nossa competência na *Doutrina social da Igreja* e saber comunicá-la como elemento indispensável em toda consciência cristã que vive o Evangelho com atualidade. A pobreza religiosa deve alimentar no nosso coração uma espécie de parentesco espiritual com os pobres⁷⁷ para oferecer a eles e aos outros aqueles valores educativos que os coloquem à procura de uma libertação integral.

Dom Bosco, já em seu tempo, “viu com clareza o alcance social da sua obra”.⁷⁸ Eis por que “participamos, na qualidade de religiosos, do testemunho e do compromisso da Igreja para com a justiça e a paz. Conservando-nos independentes de qualquer ideologia e política partidária, recusamos tudo o que favorece a miséria, a injustiça e a violência, e colaboramos com quantos constroem uma sociedade mais digna do homem”.⁷⁹

O CG23 acertadamente indicou entre os pontos-chave da educação na fé “a dimensão social da caridade”,⁸⁰ que procuramos aprofundar e atualizar nas duas Lembranças de 1991 e de 1992.⁸¹

É preciso, pois, reconhecer que a nossa Regra de vida faz emergir o enxerto vital da pobreza religiosa em todo o carisma de Dom Bosco, incidindo fortemente sobre a sua identidade e recebendo dele uma peculiar modalidade de visão do mundo, de estilo de vida e de empenho de ação.

Sugestões para um “scrutinium paupertatis”

Somos convidados pela Regra a fazer periodicamente uma avaliação do testemunho da nossa prática salesiana da pobreza evangélica,⁸² indicando

⁷⁶ cf. *Const.* 31 e 32

⁷⁷ cf. *Const.* 78 e 79

⁷⁸ *Const.* 33; cf. tb. art. 73.

⁷⁹ *Const.* 33

⁸⁰ CG23 203-214

⁸¹ cf. comentário do Reito-Mor: 1991, *A Nova Evangelização leva a aprofundar e testemunhar a dimensão social da caridade*; 1992, *A Doutrina Social da Igreja é instrumento necessário de educação*.

⁸² cf. *Reg.* 65

também os aspectos ascéticos que caracterizam cada irmão e cada comunidade. Referem-se a uma práxis de vida; somos convidados a colocá-los em prática, conscientes de assim trilharmos o “caminho que leva ao Amor”.⁸³

⁸³ *Const.* 196

Ao garantir a fidelidade a uma bem definida profissão religiosa que emitimos livremente e de forma pública e eclesial, a avaliação ilumina e purifica todo um modo de pensar, de elaborar projetos e de agir em confiante dependência de Deus e em feliz solidariedade com os destinatários. Algumas normas práticas, mesmo pequenas, têm valor de sinal; descurá-las pode incidir negativamente sobre o todo: “A fidelidade ao compromisso assumido com a profissão religiosa é resposta sempre renovada à aliança especial que o Senhor fez conosco”.⁸⁴

⁸⁴ *Const.* 195

Será conveniente que a avaliação parta da visão global das exigências da pobreza evangélica no nosso carisma, assim como tentamos apresentar nas páginas precedentes. A avaliação deveria ter como objetivo cuidar e promover maior sensibilidade evangélica no nosso processo de renovação. Há na Congregação, por graça de Deus, um sentido concreto da pobreza com exemplos pessoais e comunitários até admiráveis: iniciativas generosas em favor dos jovens pobres, entusiasmo por novos empenhos missionários, relançamento do oratório nos bairros populares mais necessitados, várias presenças para os meninos de rua e para os jovens em perigo, solidariedade com as inspetorias do Leste da Europa e do Terceiro Mundo, etc. Porém existem também contínuos perigos que estão a exigir constante e sincera avaliação.

Os principais aspectos da avaliação deveriam ser os seguintes: “desapego evangélico”, “comunhão

fraterna”, “testemunho religioso”, “administração dos bens temporais”, “compromisso operacional”. Isso tanto em relação à pessoa de cada irmão quanto ao testemunho de cada comunidade, não apenas em cada casa mas também na globalidade da inspetoria e de toda a Congregação.

Tentemos sugerir alguns conteúdos.

— *O desapego evangélico*. Há que verificar se o desapego dos bens provém de uma plenitude de sintonia com o Evangelho. Trata-se, pois, antes do mais, de zelar mais pela interioridade com que se vive a Bem-aventurança dos pobres. Ou seja, cultivar um tipo de escuta da Palavra de Deus e de meditação orante que se centre na opção feita pelo Senhor no mistério da encarnação, da manjedoura à cruz. É o aprofundamento daquela liberdade do coração que procede da consciência de que o egoísmo é a primeira raiz de toda escravidão e injustiça: somente “a verdade vos libertará”, disse o Senhor.⁸⁵

⁸⁵ Jo 8,32

Nós somos “pobres no seguimento de Jesus Cristo”; queremos ser livres como Ele que, pela plenitude do seu amor, é o modelo supremo da verdadeira liberdade: Ele é absolutamente livre porque totalmente pobre. O amor caridade é que liberta da escravidão das paixões, dos desvios da inteligência e da mesquinhez do egoísmo.

O sentido primeiro e fundamental da verdadeira libertação é esta dimensão soteriológica da liberdade. O egoísmo e o pecado, com efeito, são sempre fonte de opressão, de desordem e de idolatria dos bens: induzem a prescindir de Deus levando a um amor desordenado de si e das criaturas. A experiência nos ensina que todo materialismo alimenta uma falsa emancipação da liberdade.

Quem não reza nem medita, o irmão que não tem o coração cheio do “da mihi animas”, não compreenderá as Bem-aventuranças.

O Senhor nos deu um mandamento novo de amor ao próximo e de desejo de justiça que se situa para além de toda ideologia e é contrário aos métodos de violência. Isto é muito importante para nós Salesianos, que no compromisso social fizemos, com Dom Bosco, a opção educativa: uma missão evangelizadora e salvífica que na caridade preferencial pelos pobres se dedica a comunicar-lhes as verdades do Evangelho; ela para nós deve andar unida a uma concreta promoção humana que, embora reconhecendo a complexidade dos problemas, olha para o primado das pessoas sobre as estruturas. Portanto, é bom verificar o tipo de meditação e de oração que alimenta o ardor do “da mihi animas”, fazendo que cresça em nós a atitude consciente e operativa de opção pelos pobres no trabalho educativo.⁸⁶

⁸⁶ Um documento que pode servir para aprofundar esta reflexão é a instrução *Libertatis Conscientia* da Congregação para a Doutrina da Fé, de 22 de março de 1986

Dessa atitude deu Dom Bosco contínuo testemunho, quer com uma confiança filial e quotidiana na Providência, quer com uma vida de “trabalho e temperança”. O art. 18 das Constituições descreve as exigências deste aspecto concreto; a interioridade do Salesiano se traduz num operoso e sacrificado modo de viver: “O trabalho e a temperança farão florescer a Congregação; a procura das comodidades e do conforto será, ao contrário, a sua morte. (O Salesiano) aceita as exigências diárias e as renúncias da nossa vida apostólica; está pronto a suportar o calor e o frio, a sede e a fome, as fadigas e o desprezo, sempre que se trate da glória de Deus e da salvação das almas”.

Seu viver é um viver de Providência à maneira de Dom Bosco, porque não aguarda que tudo chova do céu, mas com “zelo” corre-lhe atrás, procurando o necessário para viver e agir, certo de a encontrar se se mantiver “evangelicamente livre”.⁸⁷

⁸⁷ *Const.* 79

— *A comunhão fraterna.* Nossa pobreza evangélica é um valor importante que ajuda de fato e quotidianamente a construir a comunidade. Que bens são postos em comum? A resposta é simples: todos, exceto o patrimônio de família trazido à Congregação ou herdado.⁸⁸ A Regra nos diz: “A exemplo dos primeiros cristãos pomos em comum os bens materiais: os frutos do nosso trabalho, os presentes recebidos e o que percebemos por aposentadoria, subsídios e seguros. Oferecemos ainda os nossos talentos, nossas energias e experiências”⁸⁹ O colocar em comum os bens regula também o uso dos instrumentos de trabalho, os meios de transporte,⁹⁰ os direitos autorais;⁹¹ importa o arranjo modesto do próprio quarto para que não se torne o refúgio de um pequeno burguês;⁹² refere-se ainda ao saber assumir com fraternidade “os trabalhos e serviços da casa”.⁹³

Há, a mais, a solidariedade com as outras casas e com a inspetoria.⁹⁴ A solidariedade na Congregação convida todos a prestar ajuda concreta às numerosas obras missionárias e às presenças necessitadas do chamado “Dom Bosco-leste”. Vimos exemplos admiráveis a propósito, mas poder-se-ia por certo fazer mais se crescesse em cada casa e inspetoria um sentido renovado de solidariedade. Há tempos fortes no decorrer do ano, como o Advento e a Quaresma, que poderiam estimular a iniciativa de particulares privações e poupanças capazes de aumentar as possibilidades de comunhão nos bens temporais.

O Código de Direito Canônico⁹⁵ fala também de contribuir, na medida das próprias possibilidades, com alguma coisa dos próprios bens para as necessidades da Igreja e o sustento dos pobres. O verbo é “contribuir”! Portanto, não é o caso de esperar o fim do exercício para ver se sobra alguma coisa, mas já antecipadamente “contribuir”, pondo

⁸⁸ Const. 74⁸⁹ Const. 76⁹⁰ Reg. 63⁹¹ Reg. 57⁹² Reg. 55⁹³ Reg. 64⁹⁴ Reg. 58⁹⁵ cân. 640

na previsão de despesas! É um critério que se deve ter presente também na solidariedade salesiana.

E não ficamos apenas na partilha dos bens materiais: “Em clima de confiança mútua e perdão cotidiano, experimenta-se a necessidade e a alegria de tudo compartilhar”;⁹⁶ com efeito, “comunicamos alegrias e dores, e partilhamos co-responsavelmente experiências e projetos apostólicos”.⁹⁷ O CG21 insistia nessa totalidade de comunhão: “pobreza é plena comunicação de tudo o que se tem, de tudo o que se é e de tudo o que se faz”.⁹⁸

Fecha bem essa lista de dons postos em comum a frase: “Na comunidade o bem de cada um torna-se o bem de todos”.⁹⁹ E a comunidade se encarrega de providenciar o que for necessário a cada sócio tanto em tempo de saúde como no de doença.

— *O testemunho religioso.* A essência da pobreza evangélica está radicada no desapego do coração, mas, para facilitar-lhe a autenticidade e defender-lhe a concretude, a vida religiosa estruturou, ao longo dos séculos, uma variedade de modos de vivê-la na prática. Também a nossa Congregação tem suas modalidades peculiares descritas na Regra de vida.

É um conjunto de normas concretas, mesmo pequenas, que manifestam publicamente (na ordem da “significatividade”) a atitude evangélica do coração: “A sobriedade no alimento e na bebida, simplicidade da roupa (lembrar Const. 62), o uso moderado das férias e divertimentos, abster-se de fumar, como forma de temperança salesiana e testemunho no próprio trabalho educativo”.¹⁰⁰ Ser “educadores consagrados” tem seu estilo salesiano também no decoro específico da roupa, na dignidade da aparência exterior e de determinadas modalidades de convivência.

⁹⁶ Const. 16

⁹⁷ Const. 51

⁹⁸ CG21 40

⁹⁹ Const. 76

¹⁰⁰ Reg. 55

Trata-se de uma metodologia ascética professada explicitamente depois de haver-lhe aceitado as exigências. Hoje os sinais dos tempos interpelam os Religiosos a respeito da dimensão profética de seu testemunho: também, de modo especial, no campo da pobreza. Os valores evangélicos que vivemos, além de se destinarem a bem dos destinatários, devem mostrar-se acessíveis a eles, isto é, são destinados a ser para eles “sinais” legíveis. De modo particular “o testemunho da pobreza ajuda os jovens a superar o instinto da posse egoísta”.¹⁰¹

¹⁰¹ *Const.* 73

Esta nossa práxis é iluminada pelo art. 77 das Constituições: atenção às condições do ambiente em que se vive; vida simples e frugal em moradias modestas; tornar evidente a todos a finalidade de serviço dos meios exigidos pelo nosso trabalho; escolha das atividades e localização das obras que respondam às carências dos necessitados; privilegiar estruturas materiais inspiradas em critérios de simplicidade e funcionalidade.

Há ainda que observar cuidadosamente um princípio de práxis comum a todas as formas de vida religiosa, que é o da dependência administrativa: “Com o voto de pobreza — dizem as Constituições — comprometemo-nos a não usar e a não dispor dos bens materiais, sem o consentimento do legítimo superior”.¹⁰² É quanto lembra a todos os Religiosos o próprio Código de Direito Canônico: “O conselho evangélico da pobreza, à imitação de Cristo, que sendo rico se fez pobre por nós, além de uma vida pobre na realidade e no espírito, a ser vivida laboriosamente na sobriedade e alheia às riquezas terrenas, implica a dependência e a limitação no uso e na disposição dos bens, de acordo com o direito próprio de cada instituto”.¹⁰³ A avaliação deve ser aqui atenta por parte de cada

¹⁰² *Const.* 74

¹⁰³ *Direito Canônico,*
cân. 600

um, e o diretor e o inspetor saberão guiar os irmãos à sinceridade e à observância.

O Código de Direito Canônico especifica: “Qualquer coisa que o religioso adquire por própria indústria ou em vista do instituto, adquire para o instituto. O que lhe advém por motivo de pensão, subvenção ou seguro, é adquirido pelo instituto, salvo determinação contrária do direito próprio”.¹⁰⁴ Os subterfúgios ou uma dependência camuflada abre o caminho para um gradual declínio no ardor de adesão ao carisma do Fundador.

Convém lembrar que a Igreja hoje permite que o religioso possa viver em cheio o desapego até dos seus bens patrimoniais: “As congregações religiosas podem permitir nas suas constituições que seus membros renunciem aos bens patrimoniais adquiridos ou por adquirir”.¹⁰⁵ A nossa Regra acolhe essa indicação e precisa que se pode fazer a renúncia “após séria reflexão”¹⁰⁶ e “após dez anos ao menos desde a profissão perpétua e com o consentimento do Reitor-Mor, segundo as normas prescritas pelas leis civis do próprio país”.¹⁰⁷

— *A administração dos bens temporais.* Referimo-nos aqui também ao aspecto estrutural nas casas, nas inspetorias — e na congregação — nas quais deve estar presente todo um tipo de administração, que tem por certo suas próprias leis, mas que é animado e dirigido por um sentido vivo da confiança na Providência. A Regra dedica dois capítulos inteiros, um nas Constituições¹⁰⁸ e outro nos Regulamentos Gerais.¹⁰⁹ Neste serviço operam diretamente os ecônomos inspetoriais e locais — e o geral — “sob a direção e controle dos respectivos superiores e conselhos”.¹¹⁰

¹⁰⁴ *ib.* cân. 668 § 3;
cf. *Const.* 76

¹⁰⁵ *Perfectae Caritatis* 13

¹⁰⁶ *Const.* 74

¹⁰⁷ *Reg.* 53

¹⁰⁸ *Const.* cap. 14

¹⁰⁹ *Reg.* cap. 13

¹¹⁰ *Const.* 190

Convém relermos juntos os artigos desses dois textos; eles dão indicações precisas para permanecermos fiéis, também na indispensável organização das estruturas, aos critérios vocacionais de profissão salesiana.

Hoje se torna cada vez mais complexo e delicado o serviço do “ecônomo” — à vista das numerosas leis civis a respeito —: exige uma harmonia não fácil entre competência e virtude e contínua atualização também com reuniões específicas. Mostremos aos irmãos ecônomos que lhes somos gratos pelo precioso serviço que prestam a todos.

Na parte econômica do Diretório inspetorial deveriam constar normas que “estabeleçam para as comunidades da inspetoria um nível de vida modesto e de real igualdade”.¹¹¹

¹¹¹ Reg. 58

A administração deve regular-se também pelo *bom senso de família*. Aliás é próprio da nossa tradição salesiana viver a pobreza em espírito de família.

Convém lembrar que os *bens imóveis* necessários para as “finalidades de serviço” devem ser conservados com cuidado recorrendo também a uma manutenção adequada, que faça poupar e manter em funcionamento os instrumentos de trabalho, ao passo que os não necessários serão alienados com prudência.

Quanto aos *bens móveis* é preciso distinguir entre os petrechos necessários e os supérfluos para saber prescindir destes últimos.

Quanto ao dinheiro, obrigações e semelhantes, é importante ter em conta a proibição de permanente capitalização evitando qualquer especulação ou coisas que tais.

Falando aos irmãos do Oratório por ocasião do exercício da boa morte, em dezembro de 1930, o P. Rinaldi lembrava uma conferência de Dom Bosco sobre a pobreza em tons duros e severos

quando ao mesmo tempo “as escolas de tipografia preparavam os locais mais grandiosos de Turim para estabelecimentos congêneres”. E comentava: “Não devemos confundir a pobreza interior dos Salesianos e a pobreza pessoal de cada um com as necessidades da Obra salesiana externa, necessidades que exigem que Dom Bosco esteja sempre na vanguarda do progresso, segundo a expressão por ele usada com o futuro Pio XI”.¹¹²

¹¹² cf. MB 14, 549-550

— *O empenho operacional.* Entramos aqui num campo social mais vasto. Antes do mais, deve-se cultivar a sensibilidade apostólica em relação aos pobres, esforçando-nos “em lhes estar ao lado, em aliviar-lhes a indigência, fazendo nossas as suas legítimas aspirações a uma sociedade mais humana”. Dom Bosco nos diz: “Lembraí-vos bem que tudo o que temos não é nosso, mas dos pobres; ai de nós se não o usamos bem”.¹¹³

¹¹³ Const. 79

Há ainda que ativar a significatividade salesiana na revisão e planificação das presenças. Da parte do inspetor com o seu conselho, urge fazer um gradual e corajoso discernimento para que “a escolha das atividades e a localização das obras respondam às carências dos necessitados”.¹¹⁴

¹¹⁴ Const. 77

Um aspecto muito importante do nosso empenho operativo, nesta hora de nova evangelização, refere-se à renovação da nossa missão na educação dos jovens na fé. O atual estado de desigualdade entre ricos e pobres tornou-se fonte de modos diferentes de pensar a renovação da sociedade. Os tempos exigem de nós uma “nova educação”, pela qual saibamos formar os jovens “a tomar consciência de seu papel na transformação cristã da vida social”.¹¹⁵

¹¹⁵ Const. 27

Em Puebla, o episcopado latino-americano, como vimos, considera a pobreza cristã como um forte valor evangélico capaz, se compreendido e assumido pelos fiéis, de suscitar alternativas vitoriosas para as interpretações de tipo somente economicista que guiaram até agora as forças sociais do mundo. A doutrina da Igreja sobre o significado dos bens materiais e sobre seu justo uso, segundo a destinação universal querida pelo Criador, tem necessidade de um substrato de formação cristã em todos os fiéis, sobretudo nos jovens. Eis então um empenho operativo sobre o qual refletir em comunidade: como educarmos os jovens para que compreendam a dimensão social da caridade mediante a pobreza evangélica; como os formamos para as responsabilidades morais, profissionais e sociais;¹¹⁶ como lhes transmitimos a Doutrina Social da Igreja.

116 cf. *Const.* 33

Somos chamados a “levar os jovens ao conhecimento adequado da complexa realidade sócio-política”.¹¹⁷ Mais: a educação não pode limitar-se ao simples conhecimento, mas deve iniciar os jovens em algum tipo concreto de solidariedade, na qual façam experiência do dom de si aos mais necessitados.

117 CG23 210

Valerá a pena partilhar este empenho operativo *com os leigos da Família Salesiana e com os colaboradores das várias obras*, para que assim também eles descubram com mais clareza o significado específico da sua vocação e missão cristã justamente para “impregnar e aperfeiçoar a ordem das realidades temporais com o espírito evangélico”.¹¹⁸

118 *Apostolicam
Actuositatem* 5 e 7

A bem-aventurança dos pobres em Maria

Maria, cheia de graça, é, depois de Jesus Cristo, o modelo mais admirável do espírito das Bem-aventuranças. Esteve sempre inundada de alegria no coração, embora tenha muito sofrido: “uma espada

¹¹⁹ Lc 2,35

(lhe) transfixará a alma”.¹¹⁹ Sempre feliz, “bem-aventurada”, porque sempre “pobre”.

¹²⁰ Lc 2,12

Foi ela que em Belém colocou o menino Jesus numa manjedoura. Não se diz que o tenha feito horripilada, nem ela nem José, mas na alegria da maternidade, intensificada pela surpreendente visita dos humildes pastores aos quais o anjo do Senhor, anunciando o grande evento de salvação, tinha dado como sinal: “encontrareis um menino envolvido em faixas e deitado numa manjedoura”.¹²⁰

¹²¹ segundo Lc 12,8

Levando o menino a Jerusalém para oferecê-lo ao Senhor no templo, portou a oferta sacrificial dos pobres¹²¹ e também aí admirou as manifestações de Deus.

¹²² Lc 2,19

E tudo o que ouvira antes dos pastores e, agora, dos velhos Simeão e Ana, não esquecerá jamais: “conservava todas estas coisas meditando-as no coração”.¹²² É uma meditação que lhe não faz passar pela mente sequer a suspeita de que deva mudar em algo seu gênero de vida e seu ambiente de humilde condição social; considerava-os uma opção explícita de Deus; sentia-se encarregada, juntamente com José, de fazer Jesus crescer e educar-se na pobreza.

¹²³ cf. Jo 1,46

Nazaré era de per si um lugarejo insignificante:¹²³ José sustentava a pequena família com seu ofício de carpinteiro: ele era justo e experimentava com Maria a bem-aventurança dos pobres na esperança do Reino.

¹²⁴ 2Cor 8,9

A opção feita por Deus na pessoa de Maria e na de José em Nazaré manifesta claramente o caminho que desejava percorrer no seu projeto divino de salvação; com efeito, na encarnação o Filho “sendo rico, se fez pobre por vossa causa, para vos enriquecer com sua pobreza”.¹²⁴

No momento da máxima pobreza humana de Jesus Cristo, despido e agonizante na cruz, Maria

não herda bens temporais, mas a maternidade universal para a salvação do mundo. Assim, sendo a “serva do Senhor”, então crucificado na mais suprema pobreza, torna-se Mãe de todos na novidade pascal, da qual participará em plenitude com sua assunção ao céu.

A partir de então, Maria exerceu a maternidade, ao longo dos séculos, privilegiando os pobres; podemos pensar, por exemplo nos últimos tempos, em Guadalupe, Lourdes ou Fátima, onde se manifestou a pobres. E se depois olharmos para o nosso carisma, vemos que Ela foi procurar nos Becchi (“a Belém salesiana”), num lar humilde, o Joãozinho pobre, que crescia e era educado num ambiente levedado pela esperança do Reino.

Maria apareceu antes de Cristo no horizonte da história da salvação; precedeu-o também como profecia de pobreza. Assim continua ainda hoje a preceder e a acompanhar. Seu coração de “pobre de Iahweh” se espelha claramente no seu Magnificat, que rezamos e cantamos muitas vezes com comoção.

Por ocasião do ano mariano (1987-1988), o Papa João Paulo II afirma, na encíclica *Redemptoris Mater*, que a Igreja em obediência a Cristo percorre esse caminho tomando Maria como modelo: “Seu amor preferencial pelos pobres está gravado admiravelmente no Magnificat. O Deus da Aliança, cantado na exultação do seu espírito pela Virgem de Nazaré, é ao mesmo tempo Aquele que ‘depõe do trono os poderosos e exalta os humildes; enche de bens os famintos e aos ricos despede de mãos vazias; dispersa os soberbos e estende sua misericórdia sobre aqueles que o temem’. A Igreja, portanto, está consciente de que se deve salvaguardar cuidadosamente a importância que ‘os pobres’ e ‘a opção pelos pobres’ têm na palavra de Deus

vivo. Trata-se de temas e problemas organicamente conexos com o sentido cristão da liberdade e da libertação. Totalmente dependente de Deus e toda voltada para Ele pelo impulso da sua fé, Maria, ao lado do seu Filho, é o ícone mais perfeito da liberdade e da libertação da humanidade e do cosmo. É para Ela, mãe e modelo, que a Igreja deve olhar a fim de compreender o sentido da própria missão em sua plenitude”.¹²⁵

¹²⁵ *Redemptoris Mater*

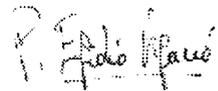
Vivemos hoje uma hora histórica de mudança epocal, que nos empenha numa Nova Evangelização; fizemos como Congregação um ato solene de entrega confiante a Maria para que nos acompanhasse, como nas origens, qual Mãe e Mestre. Foi Ela que “indicou a Dom Bosco seu campo de ação entre os jovens e constantemente o guiou e sustentou sobretudo na fundação da nossa Sociedade”.¹²⁶ Peçamos-lhe que nos ajude a edificar o Reino de Cristo e a ser eficientes evangelizadores e educadores nestes tempos novos, testemunhando e comunicando aos jovens e às classes populares a grande mensagem da pobreza evangélica.

¹²⁶ *Const.* 8

Por sua intercessão e guia, Dom Bosco educador, pobre e empreendedor, seja sempre o nosso modelo!

Apresento fraternalmente a todos uma cordial saudação.

Com afeto no Senhor,



2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1. MENTALIDADE DE ITINERÁRIO

P. Luc Van LOOY

Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil

A *qualidade pastoral* é a grande preocupação que nos empolga desde o CG23. Em nível inspetorial, local e pessoal, muitas iniciativas indicam que os irmãos percebem a necessidade de se formar e qualificar como educadores e pastores. A educação dos jovens na fé, dentro do projeto educativo, orienta de modo particular a atividade destes anos. Salesianos e leigos, animadores e grupos se empenham num envolvimento no caminho para a fé e da fé. As comunidades locais estão mais ou menos habituadas a um ritmo regular de reflexão no “dia da comunidade”, e os diretores privilegiam cada vez mais a atenção à formação permanente dos irmãos relativamente a outros compromissos.

Os Capítulos inspetoriais fizeram fielmente a revisão do projeto educativo pastoral, seguindo as indicações do CG23 (cf. n. 230). Mais de uma inspetoria se dedicou à “tradução do caminho de fé em itinerários concretos e adequados aos próprios destinatários e aos contextos em que opera” (CG23, 230). As duas regiões latino-americanas estudaram intensamente o processo do itinerário e estão adquirindo uma mentalidade de itinerário. As inspetorias e os irmãos que introduziram no processo da programação a metodologia da elaboração do itinerário constataam que isso lhes está dando concretude e atenção à realidade juvenil. Quem se habitua a pensar em chave de itinerário dá-se conta do ponto onde se encontra o jovem ou o grupo, reconhece as forças que influem sobre eles e aprende a dar passos graduais e constantes para atingir progressivamente o objetivo global. Talvez o salesiano esteja habituado a trabalhar com um esquema de percurso implícito; seria necessário partilhá-lo e tê-lo em comum com a comunidade educativo-pastoral.

1. Itinerário como caminho único e envolvente

“Traduzir” é a palavra usada pelo CG23 (cf. n. 230) para indicar que a comunidade educativo-pastoral, como sujeito do processo educativo, quer encarnar as linhas indicadas no projeto de modo concreto e num contexto local, aplicando-o a destinatários precisos mediante objetivos intermédios e passos graduais.

Há, pois, três instâncias interligadas: *a comunidade educativo-pastoral* (dentro da qual a comunidade SDB funciona como núcleo animador); *o projeto educativo-pastoral* que envolve todos num único objetivo; *o itinerário* que aplica de maneira adequada e diversificada o projeto, isto é, de acordo com o contexto e determinados destinatários.

Na elaboração do itinerário fica-se sempre atentos à precisa comunidade educativo-pastoral, como também à realidade concreta dos contextos, às capacidades e limitações dos jovens, e se funda inteiramente no projeto elaborado pela própria comunidade educativa.

2. Itinerário diversificado e gradual

O itinerário se concentra numa área ou estuda um elemento parcial do projeto. Pode examinar como caminha a realização da educação de determinado período de crescimento do jovem, levando em consideração as condições que apresenta aquela etapa na vida. Uma área, por exemplo a do associacionismo, ou do envolvimento dos jovens, ou do acompanhamento vocacional é estudada a partir da realidade concreta das pessoas disponíveis, em referência a determinada idade ou condição, sabendo que todo crescimento é gradual e parte do ponto no qual se encontram as pessoas.

Muitas pessoas e situações influem sobre o jovem. Ele é acompanhado por pontos de vista diversos. O embasamento no projeto educativo garante a unidade, ao passo que a atenção particular aos vários setores e áreas, mediante o itinerário, garante-lhe a concretude. O projeto supõe um acompanhamento por parte do educador, o qual conhece a meta por atingir e caminha ao lado do jovem animando-o a dar-se a si mesmo por inteiro. É um caminho bem examinado, e enquanto se caminha prossegue a reflexão (“mentalidade de itinerário”) de maneira de que saiba sempre “reescrever” o caminho que se deve seguir, adaptando o percurso.

3. Itinerário como experiência qualificante

O itinerário analisa a situação e coloca nessa realidade os objetivos que se propõe e as metas para atingir nas várias áreas.

Devendo-se ter em conta o projeto, a realidade contextual, a capacidade e os limites, as condições e pessoas à disposição, a elaboração comunitária do itinerário se torna um exercício qualificador para o indivíduo e para a comunidade. Aprende-se a juntar tantas coisas num caminho realista de crescimento. Para chegar à unidade do tecido os caminhos são múltiplos e é preciso responder a muitas perguntas precisas: que tipo de jovem temos em mente, em que ponto se encontra atualmente, a que meta desejamos levá-lo, quais são as forças que influem sobre ele, quais os pontos de interesse, quais as “agências” à disposição, qual é o percurso que deve ser seguido e como comunicar os valores fundamentais ao longo do caminho.

Trabalhar com mentalidade de itinerário não é como seguir um “mapa da cidade” para chegar a um lugar indicado, mas é antes a própria elaboração do mapa, levando em conta quanto corre, do conhecimento do terreno até à elaboração e à correção das provas, à impressão e venda do produto. Quem entra no processo de itinerário torna-se quase perito em todos os campos.

Quem elabora o itinerário com verdadeira sensibilidade pastoral deve levar em consideração as matérias das ciências da educação e aplicá-las. Citamos, por exemplo, a antropologia, a pedagogia, a sociologia, a catequese, e ainda os documentos do magistério da Igreja e da Congregação. Deverá além disso estar consciente da inter-relação entre desenvolvimento pessoal e social do jovem. A avaliação comunitária do itinerário é um aspecto ulterior para qualificar o próprio educador e a comunidade.

4. Elaborar, observar e avaliar juntos o itinerário

O caminho educativo e a educação na fé são tarefa de todos. Os elementos de coesão da comunidade educativa são o amor aos jovens e o sistema preventivo, vivido por todos os componentes da obra salesiana.

Daí a necessidade de tornar todos idôneos no processo gradual do acompanhamento consciente dos jovens. Todos trabalharam na elaboração do projeto; agora é preciso dar-lhe dinamicidade, é preciso fazê-lo caminhar.

Baseando-nos no conhecimento da realidade e na experiência, queremos empreender um caminho para a mesma meta, fazendo experiência juntos, adultos e jovens. Com efeito, trata-se de experimentar e viver juntos as indicações do projeto.

Oferecemos aqui, esquematicamente, um modo de proceder na elaboração de um itinerário aplicável a qualquer área, nível ou contexto concreto, estimulando os irmãos e as comunidades a experimentá-los. Quem já fez experiência poderá ajudar a quem começa.

4.1. Definir o âmbito

O primeiro passo é esclarecer que tipo de itinerário se quer elaborar, em que âmbito (por exemplo, o envolvimento dos leigos), quais os destinatários que se cogita atingir (por exemplo, os leigos da paróquia, o colégio dos professores, os animadores do oratório), em quanto tempo se prevê atingir o objetivo.

4.2. Evidenciar os pontos de referência

É de vital importância situar-se bem no contexto.

- a) Conhecer a *situação do ambiente*, das pessoas em relação ao caminho: por exemplo, qual é o contexto juvenil; qual a atitude em relação à Igreja; quais as condições particulares deste lugar; quais os conflitos sociais existentes, etc.
- b) O ponto de *referência doutrinal* deverá dizer-nos o porquê do itinerário. Não estamos sós: a Igreja, a Congregação, a história, etc. nos dão indicações de fundo que devemos levar em consideração.
- c) *Orientações metodológicas*: colocamo-nos dentro do sistema preventivo, de um estilo educativo de animação e acompanhamento, do estilo oratoriano aplicado aos vários ambientes, etc. A nossa metodologia deve sempre refletir o conceito de Igreja-comunhão e de comunidade educativa presente num território como sinal e proposta.

4.3. *Precisar o objetivo do itinerário*

Uma vez bem situados no contexto e nos conteúdos e métodos, convém descrever com clareza o objetivo por atingir “neste” âmbito, com “estes” destinatários e “neste” período. É a meta que a comunidade se propõe e que quer realizar de maneira dinâmica.

Nota: neste ponto da elaboração do itinerário convém avaliar o trabalho realizado, porque o que segue depende de como se expressou e descreveu o objetivo.

4.4. *Que metas atingir*

Agora é preciso especificar: que critérios seguir para realizar o trabalho e qual é o resultado que se quer conseguir em cada uma das áreas do caminho para a fé: a formação humana, o relacionamento com Cristo, a comunidade cristã e a preocupação com os outros e com o Reino. Qual é o ponto que se deve atingir em cada uma das quatro áreas para realizar de maneira plena o objetivo proposto?

4.5. *O movimento ou as etapas*

A dinâmica progressiva para atingir as metas sugeridas em qualquer área assinala etapas intermédias, em ordem lógica. Começando do ponto em que se encontram os destinatários vai-se caminhando a passo e passo para atingir o objetivo, vai-se *de... a...* e de novo partimos do ponto de chegada para atingir o próximo grau, *de... a...* Na indicação das etapas dever-se-á levar em consideração o crescimento psicológico, social e cristão dos destinatários.

4.6. *Comunicar conteúdos*

Cada passo corresponde a um conteúdo que se quer comunicar. O educador deve poder motivar as intervenções que propõe a um destinatário com base em princípios educativos e evangelizadores. Por exemplo, envolvendo os leigos na obra de evangelização se chegará, em determinado ponto, à formação da consciência moral do destinatário: o sentido comunitário da natureza humana e a sua colocação na história é um conteúdo que se deve comunicar nessa hora.

4.7. Meios e modos que se devem usar

Agora se pode fazer uma lista das coisas que se devem fazer ou evitar, de atitudes e comportamentos que devem ser observados, atividades e iniciativas que se devem empreender. No plano do quotidiano, na práxis do caminho que se percorre juntos, há instrumentos que devem funcionar e estratégias que se devem aplicar para comunicar conteúdos e para ajudar a passar de um nível ao outro. São sugestões concretas para dois âmbitos: das atitudes e das atividades.

4.8. Os momentos fortes e a avaliação que se devem calcular antecipadamente

A realização do caminho exigirá momentos fortes nos quais é dado um impulso a todo o processo. Tais momentos oferecem também a oportunidade de uma séria avaliação comunitária do processo.

Nestes momentos consegue-se facilmente ver o conjunto, reconhecer a conexão entre os vários elementos do itinerário e o progresso global e contemporâneo das quatro áreas. Ao longo da duração prevista para a realização do itinerário dever-se-ão prever e colocar alguns desses momentos, a fim de intensificar e aprofundar o caminho.

O itinerário educativo torna-se um instrumento prático para a comunidade educativa e para o educador, um meio para refletir continuamente sobre o caminho que se percorre com os jovens. Pelo fato de que o itinerário não é estável e definido de uma vez por todas, o educador é obrigado a constante avaliação para ver se efetivamente se trabalha pelo bem de destinatários concretos.

* * *

Dom Bosco desde o começo introduzira *o regulamento do oratório*, querendo com ele mostrar a importância de alguns valores, objetivos e meios para o seu trabalho educativo. Comunicava este regulamento a todos e o verificava constantemente. O ponto de partida para ele era a realidade dos jovens e a experiência que com eles fazia. O itinerário reflete essa mesma preocupação: atender ao jovem concreto com um caminho adequado, factível e flexível. Ao longo do caminho, jovem e adulto a um tempo se interrogam sobre o ponto em que se encontram respeito ao objetivo que deve ser atingido e os passos para prosseguir

2.2 PRESTAR CONTAS

P. Omero PARON
Ecônomo Geral

“*Prestar contas*”. Duas palavras que nos fazem arregalar os olhos. Se pronunciadas com um tom de voz estentóreo e imperativo, lembram aquele “*redde rationem...*” que a todos o seu tanto assusta. Vamos adocicar um pouco a voz e despojar essas palavras do “*dever prestar*”, para entrar na esfera do “prazer”. O que quer dizer ficar contente por poder dar explicações e satisfação aos pedidos de outrem sobre o modo de usar bens ou dinheiro.

Outra observação. Podem parecer coisas reservadas a categorias de iniciados que manejam quantidades mais ou menos relevantes de bens. Não é assim. Interessa todos porque numa sociedade aberta todos sujamos um pouco as mãos e todo bolso aninha uma carteira, pelo menos para as “pequenas necessidades individuais” de que falam os Regulamentos Gerais no art. 56. Mas, pensando bem, não devemos talvez imitar a Dom Bosco “no zelo” (sic! Const. 79) e “pedir e aceitar auxílios para o serviço dos pobres”? Estamos todos envolvidos e interessados.

Vamos com ordem.

O Código de Direito Canônico afirma que os bens temporais dos institutos religiosos são bens eclesiásticos (cân. 635 &1). Como tais são bens da Igreja (cân. 1255). Ainda que pertençam à pessoa jurídica que os possui legitimamente, estão sujeitos a uma suprema autoridade (cân. 1256). A pessoa jurídica tem por sua vez os seus administradores que, com base no cânone 1.279, em linha de princípio são os mesmos que têm o governo. Para nós, simplificando: Reitor-Mor e Conselho, Inspetor e Conselho; Diretor e Conselho. E se sabe que todo administrador de bens é obrigado a *prestar contas* da sua administração. Quando, de que modo? Estabelece-o o direito próprio.

Por isso, em nível inspetorial, quanto ao tempo (Reg. 196), é o ecônomo que informa periodicamente de sua gestão o Inspetor e

o seu Conselho. Dizendo “periodicamente” dá-se a entender que há prazos em que a informação deve ser feita. Pensamos no momento da programação; no da previsão orçamentária e do balanço; quando são determinadas as quotas das casas e em outros momentos para a solução de problemas econômicos ou iniciativas de notável importância.

Quanto ao modo: a prestação de contas deve ser transcrita em módulos preparados pelo Ecônomo Geral ou então levantados no computador conforme um plano de contas combinado. Tudo, devidamente assinado pelo Inspetor e seu Conselho, é enviado ao Ecônomo Geral. Oportunamente fala-se de “solicitude do ecônomo inspetorial”. Não faz mal, pois, um chamado aos retardatários.

De maneira semelhante pode-se dizer em nível local. Aqui parece que a dose aumenta: o ecônomo esteja “sempre preparado para informar da sua gestão” o Conselho da Casa e “todas as vezes que lhe for solicitado” o Conselho inspetorial (v. Reg. 202). E se exige que “se envie a tempo” os módulos à Inspeção (Reg. 194).

Há outrossim um empenho de *prestar contas* a título de informação e de interesse à comunidade local. Diz o art. 202 dos Regulamentos: “Nas formas e nas ocasiões oportunas, especialmente em se tratando de programação e de balanços, (o ecônomo) despertará o interesse de toda a comunidade quanto à situação econômico-financeira, ordinária e extraordinária da casa”. Por outro lado, o art. 184 dos Regulamentos insiste em que entre “as principais tarefas e deveres da assembléia dos irmãos com relação à comunidade estão:...(5) informar-se e refletir sobre a situação econômica, tendo em vista também a pobreza comunitária”. É uma boa ocasião para conservar o espírito de pobreza evangélica; para emendar certas infidelidades que se introduziram; para refletir sobre a incidência da economia na vida real dos pobres; um momento para prever projetos de partilha com os necessitados; uma ocasião para exprimir com os fatos o nosso desejo de seguir a Cristo pobre.

Não existe nenhuma norma no nosso direito que indique um empenho de *prestar contas* à comunidade inspetorial. Mas já é prática consolidada em muitas Inspetorias, que, por ocasião do Capítulo inspetorial, haja um “relatório” da situação econômica da inspetoria. Em algumas já se faz assim anualmente num encontro de diretores.

Encontramos as palavras “*prestar contas*” também no terceiro parágrafo do art. 198 dos Regulamentos: “Também os irmãos

encarregados de obras, que, por estatuto ou convenção, têm um Conselho de administração autônomo, são obrigados a prestar contas de sua gestão aos superiores religiosos”. Aqui o assunto nos tomaria muito espaço e tempo. Por sorte já foi tratado. Encontra-se nos ACG n. 323 (1987), e ainda é válido e atual. Convém relê-lo, especialmente os Diretores e os Párocos das nossas comunidades que prestam serviço paroquial.

Todos, porém, somos convidados a “*prestar contas*” todas as vezes que uma quantia qualquer, embora pequena, passa pelas nossas mãos “por exigência do próprio trabalho ou pequenas necessidades pessoais” (Reg. 56). Há Capítulos inspetoriais que para facilitar esse “*rendiconto*” quiseram colocar em seu Diretório um fac-simile de cédula, para ser usada mensalmente pelos irmãos, onde se registra quanto se recebeu da comunidade e quanto foi gasto pessoalmente segundo os verbetes apresentados.

Não é por falta de confiança que o superior aguarda essa prestação de contas; não é medo que falte o sentido de responsabilidade, pelo que se faz mister um controle minucioso e antipático. É uma precisa opção de pobreza que eu faço de não dispor de nada sem que o superior venha a saber. É a minha liberdade defronte aos bens da terra ante os quais hoje o mundo se prostitui.

Certo, é também questão de educação e de hábito. Por isso a “Ratio” lembra aos formadores no n. 121: “Eduque-se o jovem irmão na responsabilidade no uso do dinheiro que a seu pedido lhe é dado; seja acostumado a *prestar contas* das suas despesas...”.

Há mesmo satisfação em “*prestar contas*”? Certamente. E quando as contas são exatas há também o sentido de bem-aventurança prometido aos justos: feliz de ti, servo fiel.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Ao voltar do México, em princípios de março, o Reitor-Mor interveio, dia 11, na solene apresentação do “Catecismo da Igreja Católica” na nossa Universidade.

Dois dias mais tarde partiu para a Ásia. Na Tailândia (13-16 de março), no Vietnã (16-22), em Hong Kong e Macau (23-24) encontrou-se, como de costume, com os salesianos, FMA, outros grupos da Família Salesiana, Bispos e Núncios Apostólicos. Um tanto mais longa a permanência no Vietnã, que pela primeira vez o saudava como Reitor-Mor, e onde pôde constatar um consolador florescimento de vida salesiana, não obstante as grandes dificuldades, assistindo, entre outras promoções, a uma grande reunião de mais de 1.500 jovens, em honra de Domingos Sávio.

Em abril esteve em várias cidades da Itália para serviços de animação, também de outros Institutos religiosos. Passou o dia 18 em Genova-Quarto, empenhado numa relação sobre o tema “Vida consagrada rumo ao 2000” apresentada no Congresso Regional Ligure (mais de 800 consagradas e consagrados) em preparação do Sínodo de 1994.

Nos dias 24 e 25 de abril atendeu ao convite para o Pontifício Conselho para os Leigos, nos escritórios do Dicasterio em Palazzo San Callisto, para um simpósio qualificado sobre “atuais experiências de colaborações e expectativas recíprocas de fiéis leigos e membros de Instituto de vida consagrada e Sociedades de vida apostólica nas diversas áreas da vida eclesial”.

Córdoba, Sevilha e Valência, na Espanha, acolheram-no de 28 de abril a 10 de maio. Em Córdoba e em Palmar del Rio pôde estar com milhares de jovens e animar o Conselho inspetorial, diretores e Família Salesiana.

Motivo central da viagem a Sevilha era o centenário da casa “La Trinidad”, na lembrança agradecida do P. Pedro Ricaldone, extraordinário iniciador da presença salesiana na cidade. Motivo particular de satisfação foi a visita a Valverde del Camino, por ocasião do centenário da chegada das FMA, com a veneração de Ir. Eusébia Palomino.

Valência (onde Villena, com a celebração do 75º aniversário ocupou o primeiro lugar nos três dias) proporcionou-lhe a ocasião para os costumeiros encontros fundamentais de reflexão, estudo e animação.

Pôde admirar nessas três inspetorias a grande popularidade que conquistou a devoção a Maria Auxiliadora, a vitalidade de Cooperadores e Ex-alunos, a promissora iniciativa dos “Hogares Don Bosco”, a preparação e colaboração de muitos jovens “animadores”.

Em 13 de maio presidiu o solene ato acadêmico da Faculdade “Auxilium” das FMA.

Dia 22 de maio deixou Roma para ir a Grasse, na França, onde participou da sessão de encerramento do XV Congresso dos Ex-alunos/as e Amigos de Dom Bosco franceses, enriquecida também pela inauguração do novo acampamento de férias “Les Cedres”. De aí passou a Toulon, onde presidiu a significativa profissão de fé de mais de 70 meninos e falou a um numeroso grupo de irmãos e colaboradores da inspetoria.

Depois de uma visita a St. Cyr, onde pôde tratar com as FMA das esperanças da nossa Família, foi a Turim para participar da solenidade de Maria Auxiliadora celebrada em Valdocco dia 24 de maio, com a grandiosa e popular procissão da tarde. No dia seguinte encontrava-se em Châtillon para a inauguração do magnífico “pátio coberto”.

De 26 a 28 de maio tomou parte, na casa do Divino Mestre em Ariccia, na reunião semestral dos Superiores Gerais; o tema era: “Os Religiosos na missão evangelizadora da Igreja”.

Aguardava-o, logo depois (de 29 a 31 de maio), a inspetoria de Bilbao para a celebração do centenário da presença salesiana em Santander.

Dia 1º de junho, apenas chegado a Roma, abriu a sessão plenária do Conselho e presidiu a festa da gratidão da comunidade da Casa Geral.

4.2 Atividades dos Conselheiros O Vigário do Reitor-Mor

Em fevereiro, o vigário do Reitor-Mor, P. Juan Vecchi, encerrou a visita anual à comunidade “B. Miguel Rua”, junto à Direção Geral.

Deu depois um curso de exercícios espirituais aos diretores e aos Conselhos inspetoriais das inspetorias de Bilbao, Madri e León, reuniões em Loyola.

Em 26-27 do mesmo mês tomou parte, substituindo o Reitor-Mor em visita ao México, na reunião da Pontifícia Comissão para a distribuição do clero no mundo.

Em abril (de 5 a 10) teve alguns dias de estudo com os Conselheiros dos dicastérios, para preparar temas que deveriam ser aprofundados na seguinte sessão do Conselho Geral.

Pelo fim do mesmo mês esteve seis dias na Croácia. Com o Conselho inspetorial e os diretores tratou de alguns problemas particularmente sentidos pela inspetoria. Visitou depois as comunidades de Zagreb e arredores e encontrou-se

também com os irmãos que trabalham em Split e Rijeka. Em toda a parte teve oportunidade de dirigir-se a grupos de jovens e fiéis. Tomou conhecimento dos efeitos produzidos pelo conflito na Eslovênia, e pôde constatar, à vista dos refugiados, as conseqüências da guerra ainda em curso na Bósnia.

Sempre em abril tomou parte num seminário de estudo organizado pelos padres rogacionistas, com uma relação sobre vocações e culturas.

Em Salerno apresentou a Lembrança deste ano à Família Salesiana. Dirigiu-se, depois, à Hungria para a inauguração dos ambientes destinados ao pós-noviciado em Budapest (“São Luís”).

No resto do tempo acompanhou na Casa Geral o movimento da Congregação e cuidou das questões ordinárias, particularmente durante as visitas do Reitor-Mor em diversas partes da Congregação.

O Conselheiro para a Formação

De 7 a 12 de fevereiro, o Conselheiro para a Formação participa na “visita de conjunto” das inspetorias da Itália.

Durante a Semana Santa encontra-se na Casa Geral para o encontro dos Conselheiros de dicastério com o Vigário do Reitor-Mor.

De 13 a 18 de maio acha-se na inspetoria de Praga, onde visita as

comunidades da formação inicial e assiste a um encontro pré-capitular, no qual tomam parte mais de 160 irmãos.

A maior parte desse período é dedicada à visita extraordinária à visitadoria da Universidade Pontifícia Salesiana (UPS): visita iniciada em 22 de fevereiro e encerrada em 27 de maio. A visitadoria compõe-se de seis comunidades: três formadas pelos irmãos estavelmente inscritos na visitadoria e dedicadas à realização da missão da UPS, e três compostas pelos irmãos que fazem os estudos acadêmicos na UPS. Por ocasião da visita os irmãos presentes eram 235.

Essa visita reveste particular importância, dada a função singular que a UPS tem “no quadro da realidade salesiana a serviço da Congregação e como expressão qualificada da sua missão na Igreja, com seu específico potencial cultural e formativo” (CG21, 346).

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Ainda antes que terminasse a sessão plenária do Conselho Geral, o Conselheiro para a Pastoral Juvenil participou de um encontro, juntamente com a Conselheira Geral para a Pastoral Juvenil das FMA, sobre o associacionismo esportivo na Europa, de 21 a 23 de janeiro de

1993. O encontro quis ter uma visão do que existe e como se desenvolve o associacionismo esportivo na Europa, procurando dar critérios salesianos que devem orientar a união entre os diversos países. Foi elaborado o esboço de um eventual "Statuto PGS Europa".

De 25 a 29 de janeiro o dicastério para a Pastoral Juvenil dirigiu a XVI Semana de Espiritualidade para a Família Salesiana sobre o tema "Educar para o amor".

De 7 a 13 de fevereiro o P. Van Looy participou na visita de conjunto às inspetorias da Itália.

Logo depois foi à América Latina. Juntamente com o dicastério para a Pastoral Juvenil das FMA organizou quatro sessões de estudo, cada uma de 5 dias de duração, na Argentina, Brasil, Colômbia e México, reunindo SDB, FMA e jovens das inspetorias latino-americanas. Nos encontros estavam sempre presentes 50% de jovens e 50% de religiosos (SDB e FMA). A finalidade era ler juntos, em chave salesiana, o documento de Santo Domingo. Foram dias de estudo, celebrações, orientação pastoral e procura de linhas operativas para uma presença salesiana que corresponda às exigências dos jovens do continente. Foram, de fato, momentos animados pelo Espírito. Observamos uma grande capacidade de reflexão e de colaboração entre inspetores/as, SDB, FMA e jovens, além de grande sensibili-

dade em relação à realidade sócio-cultural do Continente.

De 28 de fevereiro a 3 de março, entre duas sessões na América Latina, o P. Van Looy dirigiu um encontro de estudo na inspetoria de New Rochelle (EUA) para diretores e colaboradores leigos sobre a comunidade educativo-pastoral.

Na semana de 13 a 20 de março esteve na Austrália para estudar com os vários encarregados o compromisso daquela inspetoria no campo pastoral. No último dia participou da abertura de um novo Centro Juvenil em Sidney.

De 21 a 26 de março pregou os exercícios espirituais aos irmãos da Holanda. Em 29 de março animou um dia para todo o pessoal da obra "Les Minimés", em Lião, sobre a resposta salesiana à realidade multicultural e multireligiosa na França.

Passou a Semana Santa em Roma para encontro com os vários dicastérios.

A partir de 30 de abril está novamente de viagem. Após breve visita às obras na Escócia (Glasgow e Edimburgo), participou no dia da Família Salesiana na Grã-Bretanha, sobre o nosso dinamismo carismático ("Focus on the Flow"). Passou depois à Venezuela para dois encontros de três dias: um sobre os itinerários para o associacionismo e outro sobre os itinerários para o projeto leigos.

Em San Salvador, entre 10 e 11 de maio, visitou as obras, encontrando-se com os animadores juvenis do país. O mesmo fez em Honduras (Tegucigalpa) dia 12 de maio.

Sobre a espiritualidade juvenil salesiana dirigiu a Família Salesiana da Áustria em Viena entre os dias 14 e 15 de maio. Atenção particular foi dada à espiritualidade dos jovens e sobre como acompanhá-los no crescimento espiritual.

Logo depois (17-18-19 de maio) dirigiu o encontro dos cinco países da Europa Central (República Tcheca, Croácia, Eslováquia, Eslovênia e Hungria), estudando o tema da comunidade educativo-pastoral no ambiente das inspetorias de SDB e FMA nesses países.

Em Bruxelas reuniu-se em 23-24 de maio com alguns inspetores, inspetoras, coordenadores e coordenadoras das inspetorias da Europa para estudar as modalidades de união e coordenação entre realidades salesianas diversas e com organismos vários em nível europeu. As propostas feitas naquele encontro serão entregues aos Conselhos Gerais dos SDB e FMA para serem estudadas.

Por fim, o Conselheiro participou de um encontro de nível europeu, organizado pelos Superiores Religiosos da Europa, para refletir sobre o acompanhamento espiritual dos jovens e dos jovens religiosos.

O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

1. FAMÍLIA SALESIANA

Esta relação destaca sobretudo o trabalho realizado na sede de Roma, durante os meses de fevereiro-maio de 1993. Leva em consideração o trabalho de todos os que colaboram no dicastério.

1. *A carta da comunhão na Família Salesiana de Dom Bosco.* Em fevereiro foi elaborado um novo esboço do documento, com a ajuda de todos os membros do dicastério e uma intervenção autorizada e eficaz do Reitor-Mor.

O texto não está ainda em livre circulação. Os Conselhos gerais dos vários grupos da Família Salesiana estão a examiná-lo com vista à reunião de 9-11 de julho p. f. É convidado, para a circunstância, um membro do Conselho geral de cada grupo, em Roma-Pisana, para uma revisão e aperfeiçoamento da Carta. O restante será determinado no encontro de julho.

2. *O delegado inspetorial para a Família Salesiana: figura e função.* Em março um grupo de irmãos provenientes de seis países europeus releeram o subsídio destinado, de maneira particular, aos delega-

dos inspetoriais para a Família Salesiana.

O conteúdo nasceu no encontro de formação permanente de julho de 1992. A primeira redação foi revista por muitos dos que haviam participado no curso. As observações recebidas foram reorganizadas pelo dicastério numa segunda redação do subsídio.

Nos dias 28-30 de março p. p. o texto foi submetido à atenção de um grupo de trabalho. A nova redação veio à luz no fim de maio. Será enviada quanto antes às inspetorias.

3. *O dirigente responsável da Associação dos Cooperadores Salesianos Manual.* Fazia alguns anos que a Consultoria mundial da Associação decidira produzir um “*manual para os dirigentes*”. Foram interessados os consultores mundiais e as regiões onde eles operam e animam. Recolheu-se muito material útil.

Finalmente, no começo de 1993, conseguiu-se juntar e integrar as várias contribuições. Nasceria assim, grosso modo, o manual.

Em maio, nos dias 14-16, um grupo de Cooperadores foi convocado para uma revisão dos conteúdos. Nos dias 18-20 de junho haverá ainda uma reunião de um grupo de revisão para dar a forma final ao manual.

Durante os Congressos Regionais da Associação, entre 1993 e 1994, será apresentado e distribuído aos

vários Conselhos inspetoriais dos Cooperadores.

4. *Tradução inglesa do Estatuto da Confederação dos Ex-alunos/Ex-alunas de Dom Bosco.* No Congresso Asiático dos Ex-alunos/Ex-alunas de Dom Bosco, ocorrido em Macau no mês de outubro de 1992, numa reunião colateral ao Congresso, decidiu-se apressar a tradução inglesa do novo Estatuto confederal.

A experiência das Federações que puderam usufruir o novo texto diz que foi um instrumento eficaz de identidade e de renovação das Unidades locais. O elevado número de Federações de língua inglesa urgia a tradução.

Já estava pronta e sendo enviada às inspetorias de língua inglesa no mês de março.

5. *A preparação dos Congressos Regionais da Associação Cooperadores.* A decisão tomada pela Consultoria Mundial de celebrar não um só congresso mundial mas treze congressos regionais da Associação movimentou toda a organização do dicastério.

Procedeu-se a uma verificação quantitativa e qualitativa da Associação mediante um questionário atentamente estudado sobre as exigências dos Cooperadores.

Foram redesenhados os confins geográficos das Regiões para os Cooperadores, a fim de facilitar ao

máximo a participação nos congressos, pedindo à Santa Sé a modificação do artigo do Regulamento de Vida Apostólica.

Foi preparado um Regulamento do Congresso, para facilitar o desenvolvimento das reuniões e dos trabalhos.

Foi dado um impulso ao estudo de alguns temas mais consonantes com os problemas da Região.

Os Congressos são um momento muito significativo para fazer crescer na consciência de todos a dimensão mundial da Associação e chamar a atenção sobre as exigências de um empenho operativo, de promoção e de evangelização, mais vivo e profundo.

6. *A administração ordinária do dicastério da Família Salesiana.* No plano da organização cumpre destacar os seguintes aspectos:

- a reestruturação da Secretaria e Tesouraria dos Ex-alunos. O novo Delegado P. Henri Alen nos primeiros meses tomou conhecimento dos vários problemas e depois cuidou de algumas soluções práticas. No plano da comunicação entre centro e periferia:
- por parte da Confederação dos Ex-alunos, empenho com a revista *Exallievi Don Bosco*, a fim de comunicar-se com todas as Federações Nacionais do mundo, enviando a revista cada dois meses, com o relatório da reunião da Junta Confederal;

- por parte da Associação dos Cooperadores, continuar com o mensário *Cooperatori*, ao mesmo tempo que se iniciava uma reflexão sobre a possibilidade de transformá-lo numa revista de espiritualidade.

7. *Um agradecimento fraterno ao P. Rinaldo Vallino.* O dicastério para a Família Salesiana expressa um cordial agradecimento ao P. Rinaldo Vallino, falecido em 26 de abril de 1993.

Foi sempre muito preciosa a sua colaboração nas atividades do dicastério. O testemunho de vida salesiana, manifestado em todas as circunstâncias, é a mensagem mais viva, é a herança mais querida que nos deixou. O trabalho, sério e profundo, com o Instituto das Voluntárias de Dom Bosco serviu também para toda a Família Salesiana, que lembra o P. Rinaldo Vallino com afeto e gratidão.

2. COMUNICAÇÃO SOCIAL

Pode ser interessante conhecer o trabalho que se realiza no e pelo centro do dicastério da Comunicação Social, considerando unicamente os meses de fevereiro-maio de 1993.

1. *A parte operativa, organização e instrumentação, do projeto agência de informação.* O parecer positivo dado pelo Conselho Geral sobre o Projeto

apresentado pelo dicastério para a *Informação na Congregação* deu partida à parte prática da sua realização.

Foi necessário, antes de mais, preparar os ambientes de trabalho, reestruturando-os de acordo com as exigências típicas de uma agência.

Providenciou-se, logo em seguida, a instrumentação indispensável para uma intervenção imediata e segura do centro do dicastério junto aos vinte correspondentes espalhados pelas inspetorias, e vice-versa.

Foi um empenho longo, que durou de princípios de janeiro até o fim de maio. A organização, além disso, exigiu uma constante atenção aos aspectos mais tipicamente técnicos, para os quais procuramos assistência contínua, dentro e fora do âmbito salesiano.

2. *A parte ideológica do projeto agência de informação.* Ao mesmo tempo o dicastério estudou os conteúdos necessários e os critérios para fundamentar o trabalho de informação.

No contexto específico, o projeto previa o acompanhamento de um perito durante o caminho para a especificação de aspectos importantes do tema informação, e para a qualificação dos operadores responsáveis na sede central.

Foi escolhido e contactado o “tutor”, perito e diretor de uma agência de informação de nível nacional. Dia primeiro de maio começou sua presença no nosso centro.

Com ele foram, então, revistos e definidos os planos, já anteriormente preparados, para o curso de 3 a 24 de julho, que se realizará na Pisana, para a formação de correspondentes.

Foi uma fase criativa muito interessante, que envolveu todos os participantes.

3. *O curso de qualificação para os correspondentes das inspetorias no mundo salesiano.* As duas partes do curso (10 de junho-3 de julho e 4-24 de julho) foram atentamente preparadas.

Uma pessoa do dicastério cuidou da primeira parte, procurando com muita atenção as ofertas apresentadas pelo “mercado de Roma” para o de ensino da língua italiana a estrangeiros. Pareceria um trabalho fácil, que se entregaria a uma firma especializada e ... não se preocupar mais. Foi, ao invés, necessário dedicar muitas horas à procura, muitas outras à definição dos objetivos possíveis em três semanas de estudo de uma língua estrangeira, muitas outras ainda para toda a logística.

A segunda parte empenhou todos os colaboradores do dicastério num trabalho de procura, de aprendizado, de organização e de didática de comunicação dos conteúdos do curso.

Aqui é que se revelou importante

a contribuição do “tutor”, que, a partir de sua experiência direta e imediata, e da visão global dos objetivos do Projeto, exprimiu com segurança o caminho por percorrer e experimentar durante o curso.

O resultado mais importante do curso de qualificação já foi conseguido com os colaboradores do dicastério.

4. *As Conferências inspetoriais ajudadas a refletir sobre o tema da Comunicação Social.* Um objetivo da programação do dicastério era o encontro com as Conferências inspetoriais das várias Regiões salesianas para um aprofundamento da realidade e dos compromissos que derivam da opção salesiana pela comunicação social.

Nesses dois últimos meses, fevereiro-maio, foi possível contactar as seguintes Conferências inspetoriais:

- Índia, de 10 a 12 de março de 1993 em Calcutá;
- Brasil, de 19 a 21 de abril de 1993 em Porto Alegre;
- Plata, de 24 a 26 de abril de 1993 em Córdoba.

Esses encontros revestem um particular significado, não somente pelo trabalho que se realizou e pelas conclusões a que se chegou, mas também pela nova mentalidade que se vai difundindo: a necessidade de enfrentar os temas da comunicação social não de uma perspectiva particularista e limitada, mas da

significatividade que como salesianos podemos e devemos ter num determinado país, favorecendo o crescimento da “cultura” e proporcionando ocasiões de “salvação” aos jovens.

5. *Promoção de associações entre estruturas de comunicação.* O dicastério assumiu um compromisso em relação a algumas grandes estruturas da comunicação, e, mais em particular, em relação a algumas editoras: criar as condições necessárias para que possam dialogar entre si. Trata-se de um diálogo que não fica somente em nível verbal, mas entra no âmbito das questões de qualificação, de pessoal, de projetos partilhados, de economia.

Aproveitando a ocasião da Conferência de Santo Domingo e respondendo a algumas indicações suas, pensou-se em promover um relacionamento de algumas editoras europeias com editoras da América Latina. A assistência do dicastério serviu para os contactos entre Barcelona e La Plata, e entre Barcelona e México e Guadalajara.

São os primeiros passos nessa linha. Esperamos sejam os mais adequados para criar mentalidade de convergência e experiências de comunicação real.

O dicastério está seguindo outro projeto de associação entre as diferentes rádios que operam na América Latina.

6. *A administração ordinária da Comunicação Social.* Durante esses meses multiplicaram-se também as rápidas intervenções de consulta e de orientação em diversas inspetorias da Europa.

Continuou o trabalho com o ANS e com o BOLETIM SALESIANO. Foram, além disso, recolhidos todos os dados necessários para algumas intervenções no setor da formação e comunicação social.

Um setor que receberá ulterior impulso no futuro próximo.

O Conselheiro para as Missões

O Conselheiro para as Missões desenvolveu, de janeiro a maio de 1993, diversas atividades concernentes à animação missionária: seminários e encontros de aprofundamento e formação permanente para missionários, visitas a diferentes missões e atividades relativas ao Projeto África.

Em janeiro dedicou três fins de semana à animação missionária das inspetorias de Ljubjana (Eslovênia), León (Espanha), Budapest (Hungria). Particularmente sugestiva a visita a este último país por ocasião da festa de Dom Bosco. Ressurge a obra salesiana após tantos anos de sofrimento.

Em fevereiro o P. Luciano Odorico participou da visita de conjunto das inspetorias da Itália, na qual destacou o positivo e constante empenho

das inspetorias italianas relativo à dimensão missionária.

De 5 a 20 de fevereiro presidiu em Roma, Pisana, os trabalhos de um seminário internacional sobre "*Educar na dimensão missionária*", no qual se elaborou um esboço de documento sobre estes argumentos: traços de missionariedade, leitura missionária da espiritualidade juvenil salesiana, envolvimento dos jovens na animação missionária.

Pelo fim de fevereiro foi a Gana, onde presidiu a reunião dos diretores das comunidades ocidentais de língua inglesa de Nigéria, Gana, Libéria, Serra Leão. Foram então formuladas orientações para uma coordenação informal em certas áreas das estruturas de formação inicial e permanente.

Em seguida fez breve visita à Costa do Marfim (com um encontro com o delegado para a África Ocidental de língua francesa), Serra Leão e Libéria. A situação nessa nação, embora tenha melhorado na capital Monróvia, onde os salesianos trabalham com dedicação e num clima de relativa paz, ainda continua difícil por causa da guerra civil. A comunidade do norte da Libéria, Tappita, sofre as conseqüências da situação.

Na primeira metade do mês de março, o P. Luciano Odorico visitou as missões da inspetoria da Bolívia. Constatou aí um real empenho missionário em cinco presenças, entusiasmo e imaginação criativa na

linha pastoral e consciência inspetorial da dimensão missionária. As inspetorias, Subalpina e Veneta Leste, deram uma contribuição positiva a esta destacada realidade missionária boliviana.

Na segunda metade de março até os primeiros dias de abril, o P. Odorico presidiu, juntamente com a Madre Lina Chiandotto, Conselheira Geral das Missões FMA, um seminário sobre “*Misiones entre Mapuches*” (Bahia Blanca, Argentina) e “*Misiones de Alturas*” (Quito, Equador). Os dois encontros foram adequadamente preparados pelos dois Dicastérios, e a temática fundamental foi a evangelização segundo a “*Redemptoris Missio*”, segundo as orientações de Santo Domingo e segundo a realidade concreta dos respectivos territórios missionários. A avaliação evidenciou que os encontros foram positivos em conteúdos e metodologia.

O P. Odorico teve também a oportunidade de visitar os lugares das primeiras missões salesianas na Patagônia e os lugares de peregrinação aos santuários de Zeferino Namuncurá e Laura Vicuña.

Em princípios de abril participou, em Roma, na semana de reunião dos Dicastérios convocada pelo P. Vecchi sobre diferentes temáticas. Dedicou, depois, quase três semanas a visitas às missões da Inspeção de Dimapur. Constatou aí a importante dimensão missionária da ins-

petoria, que com razão poderia dizer-se inspetoria missionária, e a dedicação generosa dos missionários, apesar das dificuldades de tipo social e político. Visitou juntamente com o inspetor as novas fronteiras missionárias de Arunachal Pradesh, onde a inspeção espera poder abrir duas novas frentes.

Após breve permanência em Roma, em princípios de maio o P. Odorico foi a Bonn, Alemanha, para presidir a reunião anual dos procuradores das missões salesianas. Estudou-se novamente a identidade de uma procuradoria salesiana, vista da perspectiva do Primeiro Mundo e da perspectiva do Terceiro Mundo. Acertaram-se os critérios dos pedidos de ajuda e projetos.

Da Alemanha foi à África, ao Quênia, para um encontro com os salesianos da Inspeção Central, que opera naquele país, sobre a temática da futura unificação das presenças salesianas no Quênia. Teve também um encontro com o Superior da Visitadoria da África Meridional e com o Delegado de Zâmbia. Fez depois uma visita de uma semana a Moçambique para conhecer a nova situação da Igreja e da Congregação após os acordos de paz firmados em Roma em outubro de 1992. Observou aí o desenvolvimento positivo das presenças salesianas para uma identidade mais clara do carisma de Dom Bosco. Dialogou com os salesianos também sobre o futuro Pro-

jeto África para a zona que lhes respeita.

Em fim de maio fez uma visita às presenças salesianas de Burundi e Ruanda. Infelizmente verificou que a situação política e social de Ruanda continua a ser muito delicada, e que isso influi também sobre o desenvolvimento missionário das obras. Todavia, o empenho e a dedicação é relevante, especialmente em favor dos mais necessitados. Com os irmãos tratou também do Projeto África.

Em 29 de maio, o P. Odorico voltou para Roma, via Bruxelas.

O Ecônomo Geral

O Ecônomo Geral encontra-se na América Latina de 9 a 31 de março para um encontro com os ecônomos inspetoriais da Região Pacífico-Caribe em Yucáy (Peru).

Aproveitando a ocasião, vê as obras salesianas em San Salvador (inspetoria da América Central), passa por Caracas (Venezuela), visita algumas comunidades da inspetoria de Medellín e outras de Bogotá (Colômbia); pára em seguida no Peru, com uma rápida passagem pela Bolívia. Conclui com uma rápida visita na inspetoria chilena.

De 15 a 17 de abril acompanha o P. Nicolussi na visita extraordinária à Visitadoria da UPS no tocante apenas aos problemas econômico-administrativos.

A convite das duas inspetorias vênetas (Itália), dia 25 de abril comemora em Bevadoro (Pádua) o centenário do nascimento do P. Renato Ziggotti, 5º sucessor de Dom Bosco.

Dia 7 de maio faz rapidíssima visita na Hungria: primeiro às FMA de Mogyród e depois em O'Buda onde fervem os últimos preparativos para a inauguração do pós-noviciado. Nos outros dois dias visita Bratislávia (Eslováquia) para a futura obra em Petržalka.

Com os irmãos da Vêneta "San Marco", faz, no dia 20 de maio, uma peregrinação a Maria Wörter (Áustria).

Em 30 de maio participa em Cumiana (Itália) da festa da comunidade, no encerramento do ano escolar.

O Conselheiro para a Região da América Latina — Atlântico

Terminada a sessão plenária do Conselho Geral, o P. Carlos Techera parte para a América do Sul, a fim de iniciar a visita extraordinária à inspetoria "São Francisco de Sales" de Buenos Aires, na Argentina.

Aproveitando o fato de estarem reunidos na Terra do Fogo os salesianos que trabalham na Patagônia austral, vai imediatamente àquela região, encontrando os irmãos que estavam a encerrar uma semana de formação e a receber a

profissão religiosa de um jovem tirocinante.

Começa assim a visita à Missão Salesiana “Nuestra Señora de la Candelaria” (hoje escola agrotécnica) na cidade de Rio Grande, que está cumprindo exatamente cem anos de vida. Continuando, depois, com as demais comunidades da Terra do Fogo e da Província de Santa Cruz, chega a Buenos Aires onde se encontra a maior parte das obras dessa inspetoria.

Durante esse tempo realiza também a consulta para a nomeação do futuro inspetor na inspetoria “Nossa Senhora de Luán” de La Plata.

Em 19 de março, solenidade de S. José, retorna à Patagônia, na cidade de Comodoro Rivadavia, para tomar parte na solene consagração episcopal de S. Excia. Mons. Pedro Ronchino. Presidiu a celebração o arcebispo de Buenos Aires, D. Antonio Quarracino, presente o Núncio Apostólico, com a participação — na concelebração — de vários bispos (alguns dos quais salesianos) e de numerosos sacerdotes. Foi a primeira consagração episcopal realizada na Patagônia, um acontecimento que cumpre assinalar, pois se trata da terra que Dom Bosco sonhou para os seus primeiros missionários.

De 19 a 21 de abril, o Regional presidiu a Conferência Interinspetorial do Brasil, reunida em Porto Alegre, cujo tema principal foi

sobre a Comunicação Social, com a presença orientadora do P. Carlos Garulo e Patrick Egan. Outros temas tratados foram a “visita de conjunto”, a proposta de um encontro dos pregadores dos Exercícios Espirituais, a Comissão nacional da Formação, as missões do Rio Negro, etc.

Em seguida, de 24 a 26 de abril, preside a Conferência Interinspetorial do Prata, reunida em Cabana (Córdoba, Argentina), que também teve como tema principal a Comunicação Social. Desenvolveram-se também outros temas, como a próxima visita do Ecônomo Geral P. Paron, um encontro dos pregadores dos Exercícios Espirituais que — como o do Brasil — seria animado pelo P. Vecchi, os estudos de salesianidade na formação inicial, atividades de Formação permanente na Bacia do Prata, etc.

Terminada a reunião da Conferência Inspetorial, encontraram-se em Córdoba, Argentina, os inspetores e as inspetoras da Argentina, a fim de examinar compromissos de comum interesse.

A visita extraordinária à inspetoria de Buenos Aires encerrou-se regularmente com o encontro das equipes e dos grupos de animação em nível inspetorial e com a reunião do Conselho inspetorial e dos diretores, agradecendo a Deus todo o bem que realizam os irmãos, segundo quanto expressamente salientaram os bis-

pos com os quais o Regional teve oportunidade de conversar.

O P. Techera voltou a Roma dia 22 de maio, para fazer os Exercícios Espirituais e para tomar parte na sessão plenária do Conselho nos meses de junho e julho.

O Conselheiro para a Região da América Latina — Pacífico-Caribe

O P. Guilherme Garcia começou dia 8 de fevereiro sua primeira viagem de 1993, entretendo-se com os estudantes teólogos do Equador em Tlaquepaque, Guadalajara-México. Interessava-lhe um contacto com eles antes de começar a visita extraordinária à inspetoria equatoriana.

Pôde dialogar brevemente, como sempre quando passa pelo México, com os dois inspetores, P. Pascual Chávez em Guadalajara e P. Francisco Javier Altamirano na Cidade do México.

Foi depois à República de El Salvador, onde esteve com o novo inspetor P. Heriberto Herrera e com o seu Conselho, especificando algumas estratégias de trabalho para o sexênio. Na reunião reafirmou-se a decisão de proceder à realização do projeto da casa para a formação dos pós-tirocinantes coadjutores das 12 inspetorias da Região. Visitou o lugar onde surgirá a construção, que

fica perto da “Ciudadela Don Bosco”.

De viagem para o Equador, parou por algumas horas em San José da Costa Rica, para visitar as duas comunidades salesianas.

De 14 de fevereiro a 22 de maio concentrou toda a atenção na visita extraordinária às 40 comunidades da inspetoria do Equador.

Essa inspetoria apresenta, juntamente com a muito variada configuração geográfica do país, um panorama de obras e presenças salesianas muito amplo e diversificado. Em cada uma das 40 comunidades, algumas das quais com outras presenças unidas a elas, são levadas a efeito, com verdadeira dedicação e fidelidade, atividades e programas belíssimos, alguns com originalidade própria.

Causa entusiasmo, entre outras coisas, o vigor missionário da inspetoria: quase a metade das comunidades e um terço dos irmãos trabalham entre os quechua, os shuar ou os ashuar e entre os afro-equatorianos. A inspetoria do Equador tem, desde as origens, uma fisionomia missionária bem definida! O vicariato de Méndez, cujo primeiro vigário foi D. Giacomo Costamagna, celebra este ano o seu primeiro centenário.

Deve-se igualmente notar a grande quantidade de obras de tipo popular, educativas ou promocionais. Emergem entre elas as que se dedicam aos jovens trabalhadores e aos

meninos de rua ou em perigo. É um programa que envolve vários jovens como voluntários, também no estrangeiro, que dedicam pelo menos um ano da própria vida a este serviço apostólico, movidos pela própria fé cristã.

As obras especificamente educativas são as mais numerosas, também elas com suficiente atenção aos meninos pobres. Convém destacar as aulas transmitidas por rádio, com programas de educação bilingüe e à distância, que se ampliam cada vez mais nas zonas mais abandonadas do país, sobretudo nas indígenas.

É impressionante, além disso, o trabalho editorial em todos os campos: educativo, catequético, bíblico, pastoral, familiar, juvenil, litúrgico, antropológico, etc.

Cumprê destacar também a presença de alguns professores salesianos na Universidade Católica de Quito, como também nos organismos eclesiais. Atualmente o Presidente da CIEC (Confederação Interamericana das Escolas Católicas) é um salesiano da inspetoria equatoriana.

Durante a visita deu-se a grave catástrofe causada pelo deslocamento de um bloco de uma montanha que caiu sobre Rio Paute, atingindo numerosas casas, vias de comunicação e amplas zonas cultivadas: encobriu também os terrenos da nossa escola agrônômica de Uzhupud e os

da vizinha casa de Yugmacay. O Reitor-Mor imediatamente marcou presença com uma carta de apoio e encorajamento aos irmãos, oferecendo a solidariedade salesiana em tão grave desastre. Qualquer ajuda que possa chegar aos irmãos poderá aliviar a situação que se revela muito difícil para o futuro.

O Regional suspendeu a visita, uma semana antes do fim de abril, para participar, juntamente com os inspetores e os representantes de cada inspetoria da Região, no encontro programado em Copacabana (Medellín) para aprofundar o documento de Santo Domingo. O objetivo do encontro era fazer uma leitura salesiana das conclusões da 4ª Assembléia do Episcopado Latino-americano, enriquecendo assim as orientações do CG23, e sensibilizar novamente as inspetorias da Região no trabalho de educação dos jovens na fé.

Encerrada a visita extraordinária ao Equador, depois da reunião final com o Conselho inspetorial, o P. Garcia retornou a Roma, passando dois dias em Santafê de Bogotá para uma reunião conjunta com o Conselho inspetorial e com a comissão especialmente criada para a elaboração de um estudo teológico-pastoral e econômico da obra do Santuário-Paróquia do "Divino Niño Jesus", no bairro "20 de Julio". O estudo que se está fazendo tende a aproveitar da riqueza dessa devoção popu-

lar, que em poucos anos se espalhou por quase todo o continente latino-americano, para melhor aproveitá-la como energia evangelizadora do povo latino-americano. O ecônomo geral, P. Omero Paron, também tinha estado em Bogotá no mês de março e contribuído com válidos elementos para destacar o trabalho que se está fazendo, pelo qual a Congregação está muito interessada, dada a importância que tem hoje na América Latina a religiosidade católica popular.

O Conselheiro para a Região de língua inglesa

De 12 de fevereiro ao primeiro dia do mês de maio o Conselheiro para a Região de língua inglesa, P. Martin McPake fez a visita extraordinária à inspetoria irlandesa, que compreende também a delegação maltense, isto é, as nossas presenças em Malta e na Tunísia.

Quando da visita extraordinária anterior essa inspetoria se estendia até à parte da África Meridional que hoje funciona como visitadoria. Naquele tempo não estava presente na muçulmana Tunísia. Foi interessante observar as modificações introduzidas na inspetoria por essa mudança na fisionomia geográfica: mais diversificação das obras e transferência de uma nossa escola para leigos, muitos dois quais foram formados pelos salesianos e trabalham

hoje segundo o nosso sistema educativo.

A novidade mais notável, porém, é a obra de Manouba, na Tunísia, onde, no decorrer dos últimos quatro anos, os nossos irmãos maltenses se estabeleceram e já são reconhecidos e apreciados. Sob a guia do novo bispo, D. Fouad Twal, cooperam bem na construção de um sentido de solidariedade entre os diversos missionários espalhados pelo país. Um dos salesianos foi convidado pelo bispo para fazer parte do Conselho presbiteral. Não foi certamente fácil encontrar irmãos para esta nova presença, mas hoje a comunidade chegou a contar com quatro membros.

Não faltam dificuldades na Irlanda como em Malta, dois países entre os mais católicos, sobretudo pela escassez de vocações; mas há iniciativas que inspiram confiança para o futuro. Os planos pastorais são bons e promissores. Se se agir com vigor para realizar-lhes os conteúdos de maneira concreta, não somente se desfarão as dificuldades do momento, mas se poderão criar as bases para um novo relançamento.

O Conselheiro para a Região da Ásia

O Conselheiro regional para a Ásia partiu de Roma em 6 de fevereiro para a delegação inspetorial com sede em Nova Delhi, onde fez

a visita extraordinária. Ainda que a delegação constitua uma unidade com a Inspetoria de Calcutá, o visitador julgou oportuno fazer a visita em duas etapas, dada a grande extensão geográfica do território da inspetoria. No próximo mês de agosto irá a Calcutá para continuar a visita ao resto da inspetoria.

A delegação tem 4 irmãos e 12 presenças salesianas. O território é acentuadamente missionário, com uma grande esperança de vocações autóctones. Os salesianos, enquanto atendem aos católicos já convertidos do tempo do P. Levens, famoso missionário belga, procuram empenhar-se na primeira evangelização. É consolador observar católicos verdadeiramente apegados à fé, que com muito sacrifício participam da Missa e dos outros serviços da Igreja. Em geral são socialmente pobres, mas ricos na fé cristã. Os irmãos são generosos, sacrificados, dedicados ao trabalho missionário.

Nos dias 7-9 de março, o P. Panakezham participou da reunião da presidência da conferência salesiana dos inspetores da Índia (SCPI) onde, entre outras coisas, se falou da visita de conjunto, que se realizará em Hyderabad em novembro de 1994, da coordenação da formação em nível local, e da nomeação de um delegado para a animação missionária em nível nacional.

Dia 10 de março, o Regional

partiu para Bangkok, Tailândia, onde pôde visitar algumas comunidades e o lugar para onde será transferida a sede da casa inspetorial. Sucessivamente acompanhou o Reitor-Mor na sua breve visita à Tailândia, depois no Vietnã (de 16 a 22 de março) e enfim em Hong Kong (22-24 de março).

Depois da partida do Reitor-Mor para Roma, em 24 de março o Regional foi a Osaka, Japão, para iniciar a visita extraordinária naquele país. A visita durou de 25 de março a 16 de maio. A inspetoria tem 25 presenças, com um total de 136 irmãos (com uma média de idade de 51 anos). Cumpre destacar que a maioria dos irmãos é japonesa, com bom número de noviços: coisa deveras admirável, se se considera que o Japão tem somente 400.000 católicos. Existe na inspetoria extraordinário espírito de trabalho, com muita dedicação, uma pastoral vocacional empenhada e grande desejo de trabalho missionário.

Terminada a visita no Japão, o Regional foi à Coreia, dia 22 de maio, para breve visita às comunidades. Deve-se sublinhar o encaminhamento de uma nova sede para o noviciado em Daejon, distante 180 km de Seul, onde há 8 noviços, que têm também a possibilidade de estar em contacto com os jovens.

Dia 23 de maio, o Regional voltava para Roma.

O Conselheiro para a Europa Centro-Norte e a África Central

No fim de janeiro, no Zaire, previa-se uma piora da situação política. Já estavam suspensos todos os vôos destinados ao país. O P. Domingo Britschu conseguiu ainda aterrar em Kinshasa poucas horas antes do fechamento total das fronteiras. Já na capital parte do exército zairense havia-se revoltado, ao mesmo tempo que no interior do país se multiplicavam as cenas de violência e saque. Isso não obstante, o Conselheiro regional conseguiu participar das celebrações em honra do novo bispo de Kilwa-Kasenga, D. Jean-Pierre Tafunga, que fora o primeiro inspetor salesiano.

Retornado a Lubumbashi, o P. Britschu contribuiu para encaminhar o P. Maria Valente nas suas funções de novo Superior da Inspeção da África Central. Infelizmente, quer por causa da insegurança nas estradas, quer pelas difíceis condições de tempo, o Regional teve de limitar os seus contactos apenas às casas do aglomerado de Lubumbashi. No Estudantado Teológico presidiu o Conselho de Administração... reduzido a menos da metade dos seus membros: aos ausentes fora negada a licença de entrada no território do Zaire.

De volta à Europa, o Regional teve breves contactos com as inspeções da Áustria, da Hungria e da Eslováquia. Depois disso, de 27 de

março a 30 de maio, fez em nome do Reitor-Mor a visita extraordinária às 22 casas e 300 irmãos da inspeção de Munique, Baviera. A visita teve três interrupções:

- De 30 de abril a 3 de maio, para o Regional presidir a Conferência Inter-inspetorial de língua alemã. A reunião foi em Praga, na antiga casa de Kobylisy há pouco restituída à Congregação Salesiana. Tomaram parte dez inspetores da Região acompanhados de seus vigários.
- Outra interrupção foi de 23 e 24 de maio para participar, na pequena cidade de Groot Bijgaarden (Bélgica) de uma reunião dos animadores da Pastoral Juvenil, em nível europeu.
- Enfim, quase ao termo da visita extraordinária, o Regional participou da grande peregrinação anual da Família Salesiana da Alemanha ao santuário mariano de Rottenbuch.

Em 31 de maio, o P. Britschu retornava a Roma para inserir-se imediatamente no programa de trabalho do Conselho (6ª sessão plenária de verão, junho-julho de 1993), embora continuando a desenvolver na sede da Casa Geral suas funções ordinárias de ligação e apoio às inspeções da Região.

O Conselheiro Regional para a Itália e Oriente Médio

Terminada a sessão de inverno do Conselho Geral, de 7 a 11 de fevereiro o P. Giovanni Fedrigotti participa da “visita de conjunto” das inspetorias da Itália, que se realiza na Pisana. Dia 12 preside a Presidência da CISI, que examina os resultados da visita de conjunto.

Dia 14 de fevereiro encontra-se na Villa Tuscolana, Frascati, com os dirigentes das escolas SDB & FMA, e no dia 28, na Pisana, com os participantes do encontro de Pastoral Juvenil nacional. O resto do tempo é dedicado ao encerramento da visita extraordinária na inspetoria sícula e aos encontros finais com o Conselho inspetorial.

De 22 de março a 28 de maio faz a visita extraordinária à inspetoria do Oriente Médio. Eis as etapas principais:

— 2-14 de março: *Etiópia e Eritreia.*

O Regional faz uma visita de amizade às casas do Sul, confiadas à inspetoria Lombardo-Emiliana (Dilla, Zway e Addis Abeba), dedicando depois todo o tempo às casas do Norte (Addis Abeba, Makallé, Adigrat, Adwa), pertencentes ao Oriente Médio.

É recebido em audiência pelo arcebispo de Addis Abeba, Card. Tzadua, que propõe uma grande obra salesiana na cidade, que se vai tornando metrópole. Encontra-se

com o bispo de Adigrat, D. Kidanc Mariam, que solicita a nossa presença na cidade de Adwa, a partir do próximo outono. Conversa também com o arcebispo de Asmara, que se mostra interessado na fundação de uma obra salesiana na Eritreia.

— 14-30 de março: *Egito.* Visitadas as casas salesianas do Cairo (Rod El Farag e Zeitun) e de Alexandria, o Regional vai ao Alto Egito — em estado de sítio pelo perigo dos fundamentalistas — para informar-se das propostas de fundações, em diálogo com o bispo, D. Morkos. A atenção concentra-se em Tachta e Sohag.

— 30 de março - 6 de abril: *Libano.* O visitador encontra-se com o nuncio apostólico D. Bassim, o bispo maronita de Jbell, D. Rai, que trata da proposta de fundação em Biblos/Jbell de uma escola profissional, que viria a ser complementar à presença de El Houssoun.

— 6-22 de abril: *Síria.* O P. Fedrigotti encontra-se com o bispo grego católico ao qual se prende a nossa obra de Aleppo; o bispo armeno D. Malayati, com o qual colaboramos em Kamishly; o bispo caldeu D. Odo, para o qual trabalhamos a serviço da comunidade de Derrik, junto ao Tigre; o bispo de Tartus, que pede um apoio mais substancial às comunidades do “vale

dos cristãos” e de Kafroun. Descendo depois a Damasco, o visitador preside a inauguração do novo oratório salesiano da cidade, que nos é entregue pelas FMA, que continuarão a trabalhar conosco.

- 22-30 de abril: Irã. Recebido em audiência pelo núncio apostólico D. Panciroli e por D. Bedini, SDB, o visitador pode verificar que, não obstante as dificuldades, os irmãos realizam um precioso trabalho pastoral. A comunidade de Teerã, que vive em estreita colaboração com o bispo e o núncio, pode dedicar-se tão-somente ao serviço dos cristãos, estrangeiros na maioria, na cidade ou nos “campos de trabalho” do Sul.

- 30 de abril - 5 de maio: Istambul. No colóquio, o vigário apostólico D. Pelâtre expressa seu agradecimento pela presença salesiana, que anima a paróquia da catedral latina, dirige uma escola, um oratório e várias capelanias.

- 6-28 de maio: Terra Santa. O visitador é recebido pelo bispo-vigário do patriarca em Nazaré, D. Caldany; pelo delegado apostólico, D. Cordero de Montezemolo; pelo patriarca latino, D. Michel Sabbah, que manifesta seu vivo apreço pela cessão por parte dos salesianos de oito hectares de “vinha”, que o patriarcado utilizará em benefício dos cristãos de Belém.

Visitadas as quatro comunidades salesianas (pela ordem: Nazaré, Cremisan, Beitgemal, Belém), o P. Fedrigotti reúne-se com o conselho inspetorial, com o qual traça as linhas conclusivas da visita extraordinária. Dia 28 retorna à sede, em Roma.

Domingo, 30 de maio, Pentecostes, juntamente com o P. Maraccani e com o P. Liberatore, representa o Reitor-Mor e o Conselho geral na celebração da ordenação episcopal do P. Vincenzo Savio, na igreja de “Santa Maria del Soccorso”, em Livorno. D. Savio, ex-diretor de Alassio, torna-se auxiliar do bispo de Livorno, D. Ablondi, com um especial encargo: o “Sinodo dos jovens”.

O Conselheiro Regional para Portugal e Espanha

Durante os meses de janeiro-maio de 1993, o Conselheiro Regional para Portugal e Espanha fez a visita extraordinária à inspetoria “São Tiago Maior” de León, Espanha.

Por razões de saúde, não pôde ir, como estava previsto, ao Senegal; a visita a essas presenças missionárias foi feita pelo P. Luís Maria Oliveras, delegado dos inspetores para a África Ocidental.

A visita a León começou com uma reunião do Conselho Inspetorial, dia 5 de março.

Nos dias 23 e 24 de março, o Regional participou da sessão da

Conferência Ibérica dos inspetores; nela trataram-se importantes temas, como o da solidariedade inter-inspetorial. Pela primeira vez participou da reunião da Conferência o P. Luís Maria Oliveras, que apresentou uma visão das diversas presenças na África Ocidental, nestes primeiros meses do seu trabalho de coordenador. Participou também, nesta parte dos seus trabalhos, o inspetor de Guadalajara-México, pelo fato de as presenças em Guiné-Conacri fazerem parte dos compromissos de coordenação do delegado para a África Ocidental. Outro tema abordado na Conferência ibérica foi o estudo apresentado por uma firma especializada sobre o modo de organizar a “Central Catequética Salesiana” para maior produtividade editorial.

Depois, o Regional passou o fim de semana 26-28 de março em Portugal a fim de promover a consulta para a nomeação do futuro inspetor e tomar parte no dia de encerramento dos Jogos Nacionais Salesianos em Vila do Conde.

Retomando a visita, participou, em 1º de maio, com grupos de todas as casas da inspetoria de São Tiago Maior da peregrinação salesiana a São Tiago de Compostela, para ganhar o jubileu neste ano compostelano. Mais de 2.000 pessoas, entre meninos, jovens e adultos, encontraram-se aí, e alguns fizeram os últimos quilômetros caminhando,

como é tradição chegar a esse lugar de peregrinações, que ao longo dos séculos convocou cidadãos de toda a Europa para confirmar a própria fé, dando um “abraço” ao santo apóstolo e recebendo o “grande perdão”.

Em 21 de maio, o Regional reuniu o Conselho inspetorial para comunicar e comentar algumas impressões sobre a visita. E no dia seguinte, 22, com o mesmo escopo, participou da reunião dos diretores.

Em 24 de maio, festa de N. Senhora Auxiliadora, tomou parte na Festa Colegial de León e, depois do almoço, despediu-se do inspetor e dos irmãos, partindo para Madri.

Dia 26 de maio, em Madri, houve uma reunião entre a Junta de Governo da Grande Central Catequética e o novo Conselho de administração, para examinar em detalhes a passagem da organização atual para a nova forma projetada para a editora; convém determinar quando cessam as responsabilidades dos atuais órgãos de governo e quando entram em função os novos.

Dia 30 de maio participou em Villena (Alicante) da festa externa de Maria Auxiliadora. Esta cidade havia recebido, algumas semanas antes, a visita do Reitor-Mor para a celebração dos 75 anos de presença salesiana; na Eucaristia e na procissão de Maria Auxiliadora pôde-se agradecer à Virgem todo o bem

realizado durante estes anos e pedir-lhe ajuda para os anos futuros.

No dia 31 de maio, o Regional voltava a Roma para tomar parte nos trabalhos da sessão plenária do Conselho Geral.

O Delegado do Reitor-Mor para a Polônia

O P. Augustyn Diedziel, delegado do Reitor-Mor para a Polônia, desenvolveu, de fevereiro a maio de 1993, as seguintes atividades.

Logo após sua chegada à Polônia, no começo de fevereiro, presidiu a Consultoria da Conferência das Inspetorias da Polônia (os quatro inspetores e as duas inspetoras), convocada regularmente, para transmitir as informações e as orientações do Centro e para a programação de vários setores em nível nacional.

Depois, de fevereiro a maio, fez a visita extraordinária à inspetoria "São Jacinto", isto é, à inspetoria da Polônia Sul, com sede em Cracóvia.

No tempo da visita manteve vários encontros com os irmãos, entre outros com alguns dos países da ex-URSS; participou de diversas funções e teve também encontros de animação com os grupos da Família Salesiana.

Significativa foi a participação no Encontro Juvenil "Savionalia" em Cracóvia.

No fim desse período de tempo

reuniu outra vez a Consultoria da Conferência das Inspetorias da Polônia para uma avaliação do serviço de animação e de coordenação dos delegados nacionais responsáveis dos diversos setores de atividade.

O Secretário Geral

O secretário geral, no período fevereiro-março de 1993, por encargo do Reitor-Mor, fez a visita extraordinária à visitadoria salesiana "Madonna di Bonaria" na Sardenha.

A visita começou domingo, 14 de fevereiro, com a participação no "dia dos adolescentes" do M. G. S., que se celebrava em Sanluri, e com um primeiro contacto com os Conselhos locais dos Cooperadores, reunidos na cidade.

No dia seguinte, após a reunião com o conselho inspetorial, o visitador iniciava a visita a cada uma das comunidades, começando pelo "Don Bosco" de Cagliari, que é uma obra educativa escolar, com várias atividades, muito estimada na cidade.

Passando pelas casas, o visitador, ao passo que se dava conta da situação difícil que vive a Sardenha do ponto de vista social e também religioso, em virtude das grandes mudanças que sobrevieram, pôde conhecer o que fazem os salesianos, com muita dedicação e sacrifício, com obras populares e juvenis, muito apreciadas pelas Igrejas locais (as-

sim se expressaram todos os bispos com que se encontrou o visitador) e pelo povo. As comunidades, situadas em diversas zonas, algumas particularmente necessitadas (como o Sassarese e o Nuorese, e outras), empenham-se em responder com sempre maior atualidade às urgências da juventude.

Não faltam dificuldades nem problemas, em primeiro lugar a escassez de novas vocações e a dificuldade de uma pastoral juvenil envolvente e incisiva. Os salesianos, que no seu recente Capítulo elaboraram o próprio projeto, tencionam redefinir a significatividade da sua presença, na linha da nova evangelização, segundo o carisma de Dom Bosco.

O secretário geral, terminadas as

visitas às comunidades, encerrou a visita extraordinária dia 5 de abril com a reunião do conselho da visitadoria. Durante a visita tinha havido também duas reuniões dos diretores e vários contactos com as FMA e os outros grupos da Família Salesiana, que colaboram juntos, com verdadeiro espírito de comunhão.

Dia 6 de abril retornava a Roma. Sucessivamente, numa nova e breve passagem pela Sardenha, nos dias 15-16 de março, o visitador pôde assistir à promessa de quatro novas Cooperadoras, em Cagliari-San Paolo, e tomar parte na peregrinação dos jovens do M. G. S. em "Santa Maria ad Acquis", Sardara: uma bela e exuberante manifestação juvenil de amor a Nossa Senhora!

5.1 Ereção canônica do Instituto de Ciências da Comunicação Social na UPS

Decreto da Congregação para a Educação Católica, mediante o qual foi oficialmente erigido o Instituto de Ciências da Comunicação Social na UPS.

“Tendo sido constituída por Cristo Nosso Senhor a fim de levar a salvação a todos os homens e, por isso, impelida pela necessidade de evangelizar, a Igreja Católica considera como sua obrigação pregar a mensagem de salvação, com o recurso também dos instrumentos de comunicação social, e ensinar aos homens o seu reto uso” (*Inter Mirifica*, n. 3).

Ninguém ignora que tais instrumentos, sobretudo nos tempos atuais, revestem uma importância extraordinária, pois “são capazes de atingir e movimentar não só os indivíduos mas as próprias multidões e a sociedade humana inteira” (*Ib.*, n. 1).

O Revmo. Grão-chanceler da Universidade Pontifícia Salesiana, que, a exemplo de São João Bosco, está solícitamente atento a um fenô-

meno de tão vital importância, pediu à Congregação para a Educação Católica a ereção na mesma Universidade do Instituto de Ciências da Comunicação Social, assegurando ao mesmo Dicastério haver oportunamente tomado todas as iniciativas necessárias à sua elevação a faculdade acadêmica.

Para que, com maior incisividade se formem peritos que possam usar tais instrumentos de maneira correta e com pleno domínio, esta Congregação, após tudo sopesar com ponderação e pedir conselho aos especialistas, em consideração da sua carta de 17 de dezembro de 1988, acolhe de bom grado o pedido de acordo com o art. 61 da Constituição Apostólica “*Sapientia Christiana*”, e erige e declara ereto em virtude deste Decreto, na Universidade Pontifícia Salesiana

o INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO SOCIAL, outorgando-lhe a faculdade de conferir os graus acadêmicos de Licença e de Doutorado aos próprios inscritos que já tenham conseguido o Bacharelado em Sagrada Teologia ou estejam de posse de outro Título acadêmico equivalente na forma dos Estatutos, uma vez que tenham regularmente completado o currículo

lo de estudos previsto, tendo em tudo observado os Estatutos gerais da Universidade e os particulares do mesmo Instituto, aprovados por esta Congregação, e tendo satisfeito todas as demais normas necessárias e desde que a tanto não se oponha nenhuma outra dificuldade.

Dado em Roma, da sede da mesma Congregação, em 9 de março de 1993.

O Prefeito
Pio Card. Laghi

o Secretário
José Saraiva Martins

5.2 Novo Bispo Salesiano

Dom Vincenzo SAVIO, Bispo Auxiliar de Livorno (Itália)

Dia 15 de abril de 1993 foi publicada a notícia que o Santo Padre elegera o sacerdote salesiano *Vincenzo Savio* Bispo titular de *Garriana* e auxiliar do Bispo de Livorno.

Vincenzo Savio, nascido em 6 de abril de 1944 em Osio di Sotto, província de Bérghamo, entra em 1955 como aspirante na casa salesiana de *Strada Cosentino (Arezzo)*, onde faz os estudos ginasiais. Admitido ao noviciado de *Pietrasanta (Lucca)*, faz, ao terminar esse período formativo, a profissão religiosa

salesiana dia 16 de agosto de 1961. Depois de haver freqüentado o curso filosófico em *Nave (Bréscia)* e feito a experiência prática do tirocínio, segue o curso teológico em Roma, primeiro na Universidade Pontifícia Salesiana e depois na Universidade Lateranense. Foi ordenado presbítero em Roma, na basílica do Sagrado Coração, em 25 de março de 1972.

Após a ordenação é destinado primeiro a *Savona* (de 1972 a 1976) com o cargo de animador vocacional e do oratório, depois a *Livorno*. Ai, depois de um ano no pensionato, é chamado ao serviço de pároco da paróquia salesiana do Sagrado Coração (1977 a 1985). Data desse período sua atividade na secretaria do Sínodo diocesano livornense.

De 1985 a 1986, o P. Savio pôde completar sua formação teológica e espiritual em Roma na Universidade Pontifícia Salesiana, conseguindo a licença em Teologia (especialização: espiritualidade).

Voltando à inspetoria, é destinado a *Florença* como animador dos jovens da paróquia salesiana da *Sagrada Família*. Ai, em 1987, é nomeado pelo arcebispo de Florença, Card. *Silvano Piovanelli*, secretário geral do Sínodo florentino.

Em 1990 participa como delegado no CG23 e é, depois, nomeado diretor da comunidade de *Alassio*, onde o surpreendeu a nomeação para Bispo.

5.3 Irmãos falecidos (1993 — 2º elenco)

"A fé no Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os nossos irmãos que repousam na paz de Cristo.

Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor. ... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const. 94).

Nome	Lugar	Data da morte	Idade	Insp.
P ABBONDANZA Vincenzo	Anzi	16-03-93	44	IME
P AMIL Michel	Nice	16-06-93	81	FLY
P AVENATTI Ferdinando	Turim	30-04-93	81	ICE
E BARBOSA Antonio	São Paulo	03-05-93	82	—
<i>Foi Inspetor por 6 anos, Bispo por 35 anos (28 anos como Arcebispo de Campo Grande)</i>				
P BASSINI Colodetti Gervasio	Vitória	30-04-93	76	BBH
P BAVA Mario	Turim	07-04-93	72	ILE
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P BESIO Aldo	Savona	12-03-93	86	ILT
P BISWAS Cajetan	Calcutá	07-05-93	67	INC
P BITTOLO Umberto	Tolmezzo	19-05-93	85	IVE
P BONOMI Agostino Elio	Addis Abeba (Etiópia)	13-05-93	50	ILE
P BORGH Wilhelm	Calhorn	07-04-93	80	GEK
L BORUCH Stanislaw	Carrasquero	11-04-93	55	VEN
L BROGGIATO Giovanni	Udine	11-03-93	89	IVE
P CHUDÁREK Rudolf	Lipnik nad Becvou	29-05-93	72	CEP
P COLOMBINI Gaetano	Varazze	28-03-93	78	ILT
L DEMEL Mojmir	Moravec	19-03-93	81	CEP
P DEMMI Alfonso	Catânia	19-03-93	76	ISI
P DESIMONE Roberto	Mendoza	18-03-93	83	ACO
S DIGHERO HERNANDEZ Nery	Guatemala	08-03-93	22	CAM
L DOMASZAK Tadeus	Viamão	06-05-93	65	BPA
P ERRATH Jacobus Peter	Cochabamba	16-03-93	77	BOL
<i>Foi Inspetor por 2 anos</i>				
P FERNANDEZ PANAMEÑO Narciso	Santa Tecla	23-04-93	87	CAM
P FERRERO GRAMAGLIA José	Vignaud	15-06-93	91	ARO
P FRANK Alejandro	Córdoba	30-04-93	82	ACO
P FUZYNSKI Andrzej	Rozanystok	10-06-93	81	PLE
P GARCIA CANTOS Emilio	Rota (Cádiz)	05-01-93	66	SSE
P GAUDILLIERE René	Praz-Coutant	04-05-93	84	FPA
P GHISONI Luigi	Cuiabá	24-04-93	86	BCG
L GIOIA Giovanni	São Paulo	20-03-93	75	BSP
P GIOVANNINI Ernesto	Watsonville	14-03-93	88	SUO
<i>Foi Inspetor por 14 anos e Conselheiro do Conselho Superior por 13 anos</i>				
P GULESIC Franjo	Prvic Luka	24-05-93	92	CRO

Nome	Lugar	Data da morte	Idade	Insp.
P GWIZDZ Franciszek	Kraków	21-06-93	59	PLS
P HIDALGO CORIA Joaquim	Puebla	15-04-93	74	MEM
P HIRA John Sushil	Calcutá	17-05-93	58	INC
P JANSSEN Christian	Bonheiden (Belgio)	08-04-93	79	AFC
L KUGLIN Henryk	Oswiecim	18-05-93	81	
E LEHAEN Frans	Bonheiden (Belgio)	25-04-93	85	—
<i>Foi Inspetor por 6 anos, Bispo por 34 anos (14 anos como Vigário Apostólico da Sakania).</i>				
P MANENTE Giacomo	Mogliano Veneto	08-04-93	82	IVE
P Maturana Pino Augusto	Santiago do Chile	17-06-93	81	CIL
P MEDICA Giacomo	Varazze	25-04-93	82	ICE
P MONTECCHIAN Walter	Turim	08-06-93	44	ISU
P MULA Eugeniusz	Cracóvia	31-03-93	58	PLS
L MUÑOZ MARTINEZ Clariso	Santiago	07-04-93	96	CIL
L MÜLLER Heinrich	Steinebach	08-06-93	50	GEM
P NACHER LLUESA Ricardo	Valencia	19-03-93	90	SVA
L ORYSIUK Jan	Gloucester	27-04-93	77	GBR
P PAIXÃO da SILVEIRA Antonio	Salvador	07-04-93	80	BRE
L PECNIK Stanislaus	Muhlendorf am Inn	16-04-93	80	GEM
P PERIS MUÑOS Vicente	Guayaquil	16-03-93	85	ECU
L PICCINNO Virgilio	Manduria	17-05-93	62	IME
P PILATO Raimondo	Catânia	28-05-93	75	ISI
L POLATO Guerrino	Muzzano Biellese	11-03-93	73	INE
P PÓS Edgard	Belo Horizonte	18-05-93	62	BBH
P PUYADENA GARMENDIA Luis	Azkoitia	21-06-93	66	SBI
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P RESTELLI Emilio	Varazze	02-04-93	77	ILT
L RUY PALLARES Marcelino	Barcelona	23-03-93	74	SBA
P ROCHE Joseph	Toulon	20-06-93	83	FLY
L ROLO de ALMEIDA Dario	Manique do Estoril	09-04-93	82	POR
P ROSA Vittorio	Sesto San Giovanni	15-06-93	73	ILE
P TISCORNIA Jorge	Buenos Aires	07-03-93	78	ABA
P TRAVERSO Arnaldo	Montevideu	12-06-93	72	URU
P VALLINO Rinaldo	Roma	26-04-93	67	RMG
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P VASCONCELLOS VIEIRA José	Barbacena	18-03-93	76	BBH
P VELLE Steven	Gent	14-04-93	29	BEN
P VERRI Camillo	Turim	13-04-93	78	ISU
P WEHT Jorge	San Justo	30-04-93	83	ABA
P WELZEL Franz	Calhorn	21-04-93	87	GEK
P ZVER Joze	Roma	19-03-93	79	UPS



Composto e impresso pelas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 — Fone: (011) 277-3211
03105-020 — Mooca — São Paulo — SP

salesianas